

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**FACULDADE DE ECONOMIA,  
ADMINISTRAÇÃO, ATUARIAIS E  
CONTÁBEIS - FEAAC**

**SETOR TÊXTIL DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL:  
UMA ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE REVELADA**

*Alexsandre Lira Cavalcante*

Orientadora: Dra. Ana Maria Fontenele

Monografia submetida à  
Coordenação do Curso de  
Graduação em Economia, como  
requisito parcial para obtenção  
do título de Bacharel em  
Ciências Econômicas.

**Fortaleza/Ceará  
1999. ↓**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO,**  
**ATUÁRIA, CONTABILIDADE E SECRETARIADO**

Esta monografia foi submetida a Coordenação do curso de Ciências Econômicas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Bacharel em Ciências Econômicas, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho deste trabalho de pesquisa é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

	Média
<hr/> Alexandre Lira Cavalcante	<hr/> Nota
<hr/> Profa. Orientadora: Ana Maria de Carvalho Fontenelle	<hr/> Nota
<hr/> Prof. Antônio Luis Abreu Dantas	<hr/> Nota
<hr/> Profa. Maria Cristina P. de Melo	<hr/>

## RESUMO

Este trabalho analisou a competitividade do setor têxtil e de confecções da região Nordeste. Utilizamos como critério básico para a análise da competitividade, o desempenho revelado pelo setor no comércio exterior. Analisamos alguns indicadores de desempenho desses setores para a região, em particular aqueles relacionados à idéia presente no conceito de competitividade revelada. Trabalhamos com dados de exportação e importação para a Região Nordeste e para o Brasil, no período caracterizado pelo “*abertura comercial*” propriamente dita, ou seja, os anos de 1991 a 1996 e utilizando a classificação prevista pela Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (Grupos de Produtos e Capítulos NBM). Apresentamos então um quadro geral do comportamento, no período considerado, dos seguintes indicadores: *participação do setor na pauta de exportações da região; participação das exportações no total das exportações brasileiras do setor; índices de crescimento do valor das exportações e importações; coeficiente de especialização relativa das exportações; taxa de cobertura das importações do setor e contribuição do setor ao saldo da balança comercial nordestina*. Dos setores analisados, um dos que mais se destacou foi linho e rami e outras fibras têxteis vegetais além de vestuários, e outros artigos de confecções. A escolha dos indicadores além de estar baseada no próprio tratamento da competitividade, é referendada pela ampla utilização em estudos consagrados sobre competitividade.

## AGRADECIMENTOS

A professora Ana Maria, em especial, pelo incentivo e orientação na realização deste trabalho, aos professores da banca examinadora, pois no decorrer de todo o curso me ensinaram o que é ser um economista.

À minha família pela grande força e confiança que depositaram em meu esforço e trabalho.

E em especial a Deus que me deu forças para vencer mais uma jornada.

# ÍNDICE

	Página
<b>1 - INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2 - UMA ANÁLISE CONCEITUAL SOBRE: PADRÃO DE CONCORRÊNCIA E COMPETITIVIDADE POTENCIAL E REVELADA</b> .....	4
2.1 – Introdução .....	4
2.2 – Conceitos Gerais de Competitividade e Padrões de Concorrência .....	4
2.3 – Conceitos específicos .....	10
2.3.1 – Competitividade potencial .....	10
2.3.2 – Competitividade revelada .....	11
2.4 – Características das Indústrias Tradicionais .....	12
<b>3 – O SETOR EXTERNO NORDESTINO: UM ESTUDO AGREGADO</b> .....	15
3.1 – Introdução .....	15
3.2 – Uma Análise Comparativa Entre o Nordeste e o Brasil .....	15
<b>4 – IDENTIFICAÇÃO DA COMPETITIVIDADE DO GRUPO DE PRODUTOS DO SETOR TÊXTIL EXPORTADOR NORDESTINO</b> .....	24
4.1 – Introdução .....	24
4.2 – Apresentação dos Indicadores .....	25
4.3 – Apresentação Geral dos Resultados dos Indicadores de Competitividade Revelada.....	27
4.3.1 – Quadro Geral dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil considerando a Distribuição Setorial Das Exportações (Participação No Total Das Exportações Nordestinas) .....	28
4.3.2 – Quadro Geral dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil considerando o Índice de Valor de suas Exportações .....	30

4.3.3 - Quadro Geral dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil considerando o Coeficiente de Especialização Relativa .....	31
4.3.4 - Quadro Geral dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil considerando a Taxa de Cobertura das Importações .....	32
4.3.5 - Quadro Geral dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil considerando a Contribuição ao Saldo da Balança Comercial Nordestina .....	33
4.4 – Análise Do Conjunto De Indicadores De Competitividade Por Grupos de Produtos Do Setor Têxtil Selecionados.....	34
4.4.1 – Grupos de Produtos do Setor Têxtil que fazem parte dos 23 Grupos de Produtos Responsáveis por 90% das Exportações Nordestinas.....	34
4.4.2 – Grupo de Produtos do Setor Têxtil Selecionados pelo Crescimento das Exportações.....	35
4.5 – Identificação da Incidência dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil Selecionados nos Estados Nordestinos .....	37
4.6 – Desempenhos Recentes .....	39
<b>5 – NOTAS CONCLUSIVAS .....</b>	<b>41</b>
<b>6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>43</b>

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1:** Setores Responsáveis por 90% do Valor das Exportações Nordestinas Segundo Participação do Setor e *Ranking* (1996)

**Tabela 2:** Índice de Valor das Exportações da Região Nordeste para 1996 (Ano Base = 1991)

**Tabela 3:** *Ranking* do Coeficiente de Especialização Relativa para os Setores Responsáveis por 90% das Exportações Nordestinas em 1996 (1991-1996).

**Tabela 4:** Exportações Nordestinas Índice de Valor para os Grupos de Produtos do Setor Têxtil que Cresceram no Período 1991-1996 (1991=100)

**Tabela 5:** *Ranking* do Coeficiente de Especialização Relativa para o Grupo de Produtos do Setor Têxtil cujas Exportações Cresceram no Período 91-96 (1991-1996)

**Tabela 6:** Exportações Nordestinas Incidência dos Setores Identificados por Estados do Nordeste (1996)

**Tabela 7:** Participação dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil por Estado do Nordeste (1997)

**Tabela 8:** Participação dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil por Estado do Nordeste (1998)

### (ANEXAS)

**Tabela 1:** Exportações Brasileiras – 1980-1996 (em US\$ mil)

**Tabela 2:** Importações Brasileiras – 1980-1996 (em US\$ mil)

**Tabela 3:** Exportações Nordestinas – 1980-1996 (em US\$ mil)

**Tabela 4:** Importações Nordestinas – 1980-1996 (em US\$ mil)

**Tabela 5:** Exportações Nordestinas/Brasileiras – 1980-1996 (em %)

**Tabela 6:** Importações Nordestinas/Brasileiras – 1980-1996 (em %)

**Tabela 7:** Nordeste e Brasil: Participação do Saldo da Balança Comercial no Total do Comércio Exterior (1980-1996)

**Tabela 8:** Exportações Brasileiras por Capítulo (NBM) Participação do Setor na Pauta De Exportação

**Tabela 9:** Exportação da Região Nordeste por Capítulo (NBM) Participação do Setor na Pauta de Exportação

**Tabela 10:** Importações Brasileiras por Capítulo (NBM) Participação do Setor na Pauta de Importação (1991-1996)

**Tabela 11:** Importações da Região Nordeste por Capítulo (NBM) Participação do Setor na Pauta de Importação (1991-1996)

**Tabela 12:** Exportação da Região Nordeste: Coeficiente de Especialização Relativa (CSR<sub>x</sub>) (1991-1996)

**Tabela 13:** Exportação da Região Nordeste: Índice de Valor (1991-1996) (1991 = 100)

**Tabela 14:** Região Nordeste: Taxa de Cobertura das Importações (TCM) Por Capítulo NBM (1991-1992) (1995-1996)

**Tabela 15:** Região Nordeste: Contribuição ao Saldo da Balança Comercial (CSBC) Por Capítulo NBM (1991-1992) (1995-1996)

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1:** Brasil – Exportações e Importações

**Gráfico 2:** Nordeste – Exportações e Importações

**Gráfico 3:** Participação do Nordeste nas Exportações e Importação Brasileiras

## 1 - INTRODUÇÃO

As atuais transformações por que passa a economia mundial e nacional, ocasionadas pelos movimentos de globalização e abertura comercial, têm ensejado mudanças radicais no perfil empresarial e setorial, na tentativa de atingir níveis satisfatórios de competitividade em escala internacional.

A nova postura requerida representa uma mudança relativa ainda maior no caso das indústrias brasileiras por terem amadurecido em um período cujo modelo de desenvolvimento estava centrado na substituição de importações, com claras tendências concentradoras e protecionistas. Assim, a economia brasileira emerge em uma nova fase, caracterizada principalmente por uma maior estabilidade de preços e aperfeiçoamento dos mercados, permitindo o desenvolvimento dos pré-requisitos para a formação de um ambiente de maior competição empresarial.

Nessas condições, os setores que apesar do baixo nível de eficiência, lograram algum grau de rentabilidade na fase anterior, deverão passar por um forte processo de ajuste, cujo impacto final poderá ser a sobrevivência ou a saída do mercado. O setor têxtil é sem dúvida um desses setores, sobretudo por representar uma das atividades que mais sentiu o processo de abertura à concorrência internacional, obrigando-se a proceder ajustes rigorosos, ainda em andamento, que lhe permitisse enfrentar a competição externa. Para uma simples avaliação da necessidade deste ajuste, o setor têxtil, protegido no processo de substituição de importações e de ajustamento externo da economia brasileira com alíquotas medias de até 199%, passou, a partir de 1990, a competir com produtos importados cujas alíquotas foram reduzidas para 20%, no caso dos fios, fibras, e tecidos, 30%, para as confecções, e 50%, para os tecidos especiais<sup>1</sup>.

Um dos resultados imediatos deste processo de ajustamento, sobretudo através da modernização tecnológica das empresas, tem-se refletido na redução do nível de emprego no setor. A partir de 1990 até 1996, a redução do nível de emprego foi da ordem de 56% dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT) .

---

<sup>1</sup> Os dados referem-se à Tarifa Aduaneira do Brasil.

Esse contexto revelou a necessidade de se elaborar uma pesquisa sobre o *Setor Têxtil da Região Nordeste do Brasil: Uma análise da Competitividade Revelada*, com os objetivos principais de revelar as estratégias competitivas mais utilizadas pelas empresas do setor e a competitividade revelada desse setor no comércio internacional.

O trabalho *Setor Têxtil da Região Nordeste do Brasil: Uma análise da Competitividade Revelada*, representa um esforço em compreender a desempenho dos principais grupos de produtos que compõem o setor têxtil e saber o grau de competitividade desse setor.

O estudo avalia os níveis de competitividade do setor têxtil nordestino, através dos principais indicadores de competitividade revelada do comércio exterior, adotadas pelas empresas, permitindo a comparação com as práticas nacionais e internacionais.

O presente trabalho, é uma tentativa de contribuição ao debate sobre o impacto da abertura econômica do início dos anos 90 sobre o comportamento das empresas têxteis, oferecendo subsídios ao estudo e avaliação do desempenho competitivo desse estratégico setor da economia regional.

Após esta breve introdução iremos ter no capítulo 2 uma breve exposição conceitual sobre competitividade potencial e revelada e padrões de concorrência, no capítulo 3 fazemos uma exposição do comportamento recente do setor externo nordestino onde analisa-se de forma agregada o comportamento do setor externo nordestino como um todo, comparando-o com o Brasil. No capítulo 4 é feito um estudo desagregado, tendo em vista identificar os grupos de produtos do setor têxtil com melhor desempenho no comércio internacional, visto por duas óticas: os grupos de produtos do setor têxtil que fazem parte do grupo de produtos responsáveis por 90% das exportações nordestinas no ano de 1996 e os grupos de produtos que tiveram desempenho exportador durante o período (91 – 96), além disso, procede-se à identificação da concentração geográfica de tais setores tendo em vista mapear os setores mais representativos do Nordeste dentre os que compõem o setor têxtil e a sua associação as diferentes localidade que compõem a Região. Finalmente, efetua-se um

levantamento das fontes geradoras da competitividade sistêmica, a fim de explorar com mais consistência os setores que deverão ser considerados prioritários no grupo de produtos dentro do setor têxtil. Com isso, buscamos obter dados para servir de elementos para qualquer política de desenvolvimento regional.

## **2 – UMA ANÁLISE CONCEITUAL: PADRÃO DE CONCORRÊNCIA, COMPETITIVIDADE POTENCIAL E COMPETITIVIDADE REVELADA.**

### **2.1. Introdução**

O nosso objetivo aqui é fazer uma breve análise acerca dos diversos conceitos sobre competitividade, suas causas e suas limitações. Tudo isso, para tentar ligar os conceitos aqui expostos ao trabalho sobre o *Setor Têxtil da Região Nordeste do Brasil: Uma análise da Competitividade Revelada*. Após a definição do que é competitividade revelada tentaremos analisar o grupo de produtos que compõem o setor têxtil dentro de cinco diferentes indicadores de competitividade revelada para sabermos quais os grupos de produtos que se destacaram no período de *abertura comercial* propriamente dita, que vai de 1990 a 1996. A partir desta breve introdução, temos uma segunda seção (2.2) que trata de conceitos gerais de competitividade e padrões de concorrência, temos ainda uma terceira seção (2.3) que trata de conceitos específicos de competitividade e que se divide em duas subseções: a seção (2.3.1) que trata da competitividade potencial e a seção (2.3.2) que trata da competitividade revelada, que é o objeto de nossa análise e temos finalmente, uma quarta e última seção (2.4) que trata do conceito de indústrias tradicionais, onde se encontra inserida a indústria têxtil.

### **2.2. Conceitos Gerais de Competitividade e Padrões de Concorrência**

Não existe hoje em dia um consenso quanto a definição do conceito sobre o que seja competitividade e, conseqüentemente, quanto às metodologias mais adequadas de avaliação.

Como conceito mais recente e mais geral, temos que, a competitividade é definida como a capacidade da empresa formular e implementar estratégias concorrenciais, que lhes permitam ampliar ou conservar, de forma duradoura, uma posição sustentável no mercado.

Essa visão se diferencia de modo significativo das abordagens convencionais, isto é; competitividade potencial e competitividade revelada, na medida em que busca na dinâmica do processo de concorrência o referencial para a avaliação da competitividade.

A partir de uma perspectiva dinâmica, o *desempenho no mercado* e a *eficiência produtiva* decorrem da capacitação acumulada pelas empresas; ou seja, o grau de capacidade técnica que as empresas adquiriram ao longo do tempo, que por sua vez, reflete as estratégias competitivas adotadas em função de suas percepções quanto ao processo concorrencial e ao meio ambiente econômico onde estão inseridas. Desse modo, ao invés de entendida como uma característica intrínseca de um produto ou de uma firma, a competitividade surge como uma característica extrínseca, relacionada ao padrão de concorrência vigente em cada mercado. Um padrão de concorrência, por sua vez, corresponde ao conjunto de fatores críticos de sucesso em um mercado específico.

De modo a tentar explicar o significado do referencial de análise da competitividade anteriormente sintetizado, ou seja; o padrão de concorrência que prevalece em cada mercado, vale a pena detalhar um pouco mais os seus elementos centrais.

Inicialmente, é importante enfatizar que o elemento básico de análise é a empresa. A empresa é considerada um espaço de planejamento e organização da produção que se estrutura em torno às diversas áreas de competência. Para efeito da análise da competitividade são consideradas quatro áreas de competência empresarial: gestão, inovação, produção e recursos humanos (Ver FERRAZ, 1995).

As *atividades de gestão* incluem as tarefas administrativas típicas de empreendimentos industriais, o planejamento estratégico e o suporte à tomada de decisão, as finanças e o marketing, incluindo as atividades pós-venda. As *atividades de inovação* compreendem os esforços de (P&D) pesquisa e desenvolvimento de processos e de produtos. As *atividades de produção* referem-se a quantidade de recursos manejados na tarefa manufatureira propriamente dita, podendo referir-se tanto aos equipamentos e instalações (meios de trabalho), como aos métodos de organização da produção e de

controle de qualidade. Por fim, os *recursos humanos* contemplam o conjunto de condições que caracterizam as relações de trabalho, envolvendo os diversos aspectos que influenciam a produtividade, qualificação e flexibilidade da mão-de-obra.

Interessante notar é que em cada momento do tempo, cada empresa detém um nível de capacitação e apresenta um certo desempenho competitivo, ou seja; a capacitação é dada de acordo com a capacidade de cada empresa competir em determinado período de tempo, essa capacidade se reflete na eficiência produtiva de cada empresa. Já o desempenho é, em larga escala, determinado pelas capacitações acumuladas na empresa em cada uma das áreas de atividade já listadas. Em uma primeira aproximação, as empresas competitivas seriam simplesmente aquelas de maior capacitação, ou seja, maior eficiência, tal como sugere a abordagem *ex-ante* da competitividade (competitividade potencial).

No entanto, uma reflexão mais ampla mostra ser essa conclusão precipitada. A capacitação nada mais é que o estoque de recursos de todos os tipos – materiais, humanos, informacionais, entre outros, além de intangíveis como imagem, etc. – detidos pela empresa.

Mais importante, as capacitações estão em constante mutação. As novas capacitações que vão sendo incorporadas resultam de esforços, realizados com esse objetivo, ou seja; as empresas incorporam novas capacitações como elementos diferenciados de competitividade. Como os recursos financeiros à disposição da empresa são finitos, esses esforços não podem ser empreendidos de modo ilimitado. A natureza e a intensidade dos gastos efetivamente realizados dependem de escolhas feitas pelas empresas em função de suas prioridades e expressam as estratégias competitivas adotadas.

Pode-se generalizar a idéia, entendendo-se que as firmas competem através do tempo despendendo recursos com o propósito de financiar suas estratégias competitivas. Isso significa que o grau de capacitação de uma firma em um dado momento está determinado pelas estratégias competitivas adotadas pela firma em um momento anterior, isto é; analisar a posição da firma no seu ambiente competitivo hoje e vislumbrar sua

situação futura.

A busca de novas capacitações é um processo permanente, seja porque os recursos em estoque se depreciem com o passar dos anos e precisam ser repostos, seja porque se tornam obsoletos em função do surgimento de inovações nos processos, nos produtos, na organização da produção e nas formas de comercialização, entre outros, ou seja; ocorre um processo de obsolescência moral. Essa segunda possibilidade abre um leque de opções comportamentais que vai desde a adoção de estratégias mais agressivas, que visam situar a empresa na dianteira do processo inovativo, propiciando-lhe o controle do ritmo de obsolescência das capacitações de suas concorrentes, até as estratégias mais passivas, de natureza imitativa, que buscam dotar a empresa de algum grau de capacidade de resposta.

Porém, a relação funcional que une capacitação e estratégia é melhor descrita como uma via de duas mãos. Se, de um lado, a empresa escolhe estratégias que lhe permitam ampliar suas capacitações em determinadas direções desejadas, a capacitação acumulada atua também como restrição à adoção de estratégias de vez que uma firma somente pode adotar estratégias para as quais reúne as competências necessárias. A firma pode não estar capacitada para adotar estratégias desejadas porque esse é um processo cumulativo que envolve aprendizado e, portanto, exige tempo, e que para ser acelerado implica em geral o aporte de recursos adicionais desproporcionalmente grandes.

*“Quanto maior a diferença entre as capacitações existentes e desejadas, maior o volume de recursos financeiros necessário para fazer face à aquisição das competências envolvidas em um determinado período de tempo, ou maiores são as necessidades de tempo dado um volume determinado de recursos financeiros. Daqui surge uma defasagem temporal entre a opção por uma estratégia e o momento em que esta é efetivamente implementada.”*  
(ver Ferraz, 1995 p.5)

Assim, podemos concluir que, o desempenho obtido por uma empresa é determinado pelas capacitações que reúne. As estratégias visam modificar as capacitações,

de modo a adequá-las às metas de desempenho da empresa, mas são por elas limitadas, em um processo de interação dinâmica.

É, portanto, no processo de decisão das estratégias empresariais que se deve buscar os elementos analíticos centrais de compreensão da competitividade.

Embora o conjunto de formas possíveis de competição seja amplo, englobando preço, qualidade, habilidade de servir ao mercado, esforço de venda, diferenciação de produtos e outras, em cada mercado predomina uma ou um subconjunto dessas formas como fatores críticos de sucesso competitivo. As regularidades nas formas dominantes de competição constituem o padrão de concorrência setorial.

Assim, as empresas, em um dado mercado, atuando autônoma e interdependentemente, formulam e reformulam suas estratégias competitivas apoiadas em avaliações sobre quais são os fatores críticos para o sucesso competitivo no presente e percepções sobre a sua trajetória futura. Os padrões de concorrência fornecem as “balizas”, ou seja; os referenciais para a competitividade, que são estruturas que condicionam o processo decisório das estratégias competitivas das empresas.

Em outras palavras, as empresas buscariam adotar, em cada instante, estratégias (gastos em aumento da eficiência produtiva, qualidade, inovação, marketing, etc.) voltadas para capacitá-las a concorrer em preço, esforço de venda ou diferenciação de produtos em consonância com o padrão de concorrência vigente no seu mercado.

Assim, a empresa que não se adaptar ao seu padrão de concorrência se capacitando, ela será expulsa do seu ambiente competitivo, pois ela terá mais fatores críticos do que sucesso. A competitividade é, portanto, função da adequação das estratégias das empresas individuais ao padrão de concorrência vigente no mercado específico. Em cada mercado vigoraria um dado padrão de concorrência definido a partir da interação entre estrutura (empresa) e condutas dominantes no setor. Seriam competitivas as firmas que a cada instante adotassem estratégias competitivas mais

adequadas ao padrão de concorrência setorial.

A competitividade está relacionada ao padrão de concorrência vigente no mercado específico considerado. É o padrão de concorrência é, portanto, a variável determinante e a competitividade a variável determinada ou de resultado.

Por essa razão, o estudo da competitividade é obrigado a dar conta de um grande número de variáveis ligadas às formas de concorrência, pois tem que ser levados em conta também a natureza dos processos de esforço de venda (marketing, prazo de entrega, habilidade de servir o mercado, etc.), de capacitação produtiva como o acesso às fontes de matérias-primas e fornecedores de partes e peças, recrutamento e treinamento de mão-de-obra, gestão da produção e da qualidade, etc. Além dos diretamente ligados à inovação e difusão de novas técnicas, todos esses fatores, e muitos mais, são geradores de vantagens competitivas e devem ser considerados de forma adequada.

Cada empresa é parte integrante de um sistema competitivo, de modo que o desempenho alcançado, as estratégias praticadas e a capacitação acumulada não dependem exclusivamente das condutas adotadas pelas empresas.

Em resumo, as considerações de ordem geral até aqui elaboradas implicam que análises de competitividade devem levar em conta simultaneamente – e com o devido peso – os processos internos à empresa e à indústria e as condições econômicas gerais do ambiente produtivo. Para avaliar a “capacidade de formular e implementar estratégias”, é fundamental identificar os fatores relevantes para o sucesso competitivo, que variam de setor a setor, de acordo com o padrão de concorrência vigente, verificar a sua importância setorial no presente e a que se pode esperar no futuro próximo – esse componente preditivo é indispensável, em particular na análise dos setores mais dinâmicos – e avaliar o potencial das firmas do país com relação a eles. Alcança-se, assim, uma abordagem dinâmica do desempenho competitivo da empresa, integrada ao exame de seus fatores determinantes.

## 2.3. Conceitos Específicos

Após toda essa análise geral sobre o conceito de competitividade e padrões de concorrência iremos fazer um recorte desse conceito mais amplo e definiremos o conceito de competitividade ao qual iremos trabalhar em nosso trabalho sobre o *Exame da Competitividade do Setor Têxtil da Região Nordeste*.

Temos que a maior parte dos estudos recentes costuma tratar a competitividade como um fenômeno diretamente relacionado às características de desempenho ou de eficiência técnica e alocativa apresentadas por empresas e produtos e a considerar a competitividade das nações como a agregação desses resultados. De fato, embora manejam um elenco variado de indicadores, percebe-se a convivência de duas famílias de conceitos de competitividade: potencial e revelada.

### 2.3.1. *Competitividade Potencial*

Em uma primeira família, a competitividade é vista como *eficiência* – competitividade potencial. Busca-se de alguma forma traduzir a competitividade através da relação insumo-produto praticada pela firma, isto é, da capacidade da empresa de converter insumos em produtos com o máximo de rendimento. Os indicadores são buscados em comparativos de custos e preços, coeficientes técnicos (de insumo-produto ou outros) ou produtividade dos fatores, em termos das *best-practises* verificadas na indústria internacional.

Nessa primeira visão, observamos a importância dos fatores de produção, onde é o produtor que, ao escolher as técnicas que utiliza, submetido às restrições impostas pela sua capacidade tecnológica, gerencial, financeira e comercial, estará definindo a sua competitividade. A competitividade é um fenômeno *ex-ante*, isto é, reflete o grau de capacitação (eficiência) detido pelas firmas, que se traduz nas técnicas por elas praticadas. O desempenho obtido no mercado seria uma consequência resultante dessa capacitação. Considera-se, assim, que é o domínio de técnicas mais produtivas que, em última instância,

habilita uma empresa a competir com sucesso, ou seja, representa a causa efetiva da competitividade.

### **2.3.2. Competitividade Revelada**

Na Segunda família, a competitividade é vista como um *desempenho* – a competitividade revelada (conceito utilizado em nossa análise acerca dos indicadores de competitividade no comércio exterior). Aqui, a competitividade é de alguma forma expressa na participação no mercado (*market-share*) alcançada por uma firma em um mercado em um certo momento do tempo. A participação das exportações da firma ou conjunto de firmas (indústrias ou nação) no comércio internacional total de um produto em especial aparece como seu indicador mais imediato, que representarei pelo indicador de competitividade revelada no comércio internacional, *Xinet* (exportação da região nordeste do bem *i* no período *t*).

Nessa visão, observamos a importância da demanda no mercado que, ao arbitrar quais produtos de quais empresas serão adquiridos, estará definindo a posição competitiva das empresas, sancionando ou não as ações produtivas, comerciais e de marketing que as empresas tenham realizado. A eficiência na utilização de recursos produtivos definiria algumas das eventuais fontes de competitividade existentes, mas nunca a competitividade em si, já que esta depende de vários outros fatores, muitos deles subjetivos ou não mensuráveis. A competitividade é uma variável *ex-post* que sintetiza os fatores preço e não-preço – estes últimos incluem qualidade de produtos e de fabricação e outros similares, a habilidade de servir ao mercado e a capacidade de diferenciação de produtos, fatores esses parcial ou totalmente subjetivos.

À parte divergências conceituais quanto à escolha de competitividade revelada ou potencial, ou seja; desempenho ou eficiência, como enfoque mais apropriado ou a possibilidade de conciliá-los, interessa-nos enfatizar às insuficiências apresentadas por ambos em capturar a essência do fenômeno. Tanto desempenho quanto eficiência são enfoques limitados por serem estáticos, analisando apenas o comportamento passado dos

indicadores, sem tornar claro as relações causais que mantêm com a evolução da competitividade. Não é sem razão que está cada vez mais concisa a idéia entre os especialistas a percepção de que análises de competitividade baseadas somente em dados tópicos referentes a preços, custos (especialmente salários) e taxas de câmbio, extraídos do desempenho macroeconômico ou de empresas individuais, são insuficientes e conduzem a conclusões distorcidas. Mas apesar das limitações a que o conceito de competitividade revelada está exposto, iremos trabalhar com o mesmo já que ele se mostra suficiente para a nossa análise e para os nossos objetivos acerca do *Exame da Competitividade do Setor Têxtil Nordestino*. Utilizaremos alguns indicadores de comércio exterior mais precisamente aqueles relacionados à idéia presente no conceito de competitividade revelada. Nesta fase trabalhamos então com dados de exportação e importação para o nordeste e para o Brasil no período, caracterizado pela “abertura comercial” propriamente dita, ou seja, os anos de 1991 a 1996 e utilizando a classificação prevista pela Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (Grupos de Produto e Capítulos NBM). Nossos indicadores foram tratados então da forma apresentada no trabalho e comentada abaixo. A escolha dos indicadores além de estar baseada no próprio tratamento da competitividade, é referendada pela ampla utilização em estudos já consagrados sobre competitividade.

## **2.4. Características das Indústrias Tradicionais**

Apesar de serem facilmente percebidos quanto à natureza dos produtos e destino da produção, voltados para o consumo final da população em geral, do ponto de vista da concorrência prevalece no grupo de indústrias tradicionais uma grande variedade de produtos, decorrente da extensa segmentação de mercados em termos de níveis de renda dos consumidores.

A variedade de produtos e de procedimentos produtivos está associada à igual variedade na demanda, ou seja; é a demanda do mercado quem determina o que vai ser produzido. Assim, atuar em mercados segmentados é a norma para as empresas desses setores e uma de suas características mais marcantes. Em grande parte, a possibilidade de segmentação está relacionada à estrutura de renda dos consumidores de um determinado

mercado. Nesse contexto, o grau de importância para a competitividade de atributos dos produtos como preço, marca e adequação ao uso irá variar de acordo com a renda. Quanto maior for a renda, menor o peso relativo do atributo preço e maior a importância dos atributos adequação ao uso e atendimento às especificações particulares da clientela. Essas condições implicam a coexistência de empresas, que possuem atividades tecnicamente similares, buscando atuar em faixas de mercado completamente distintas.

Esses setores também são extremamente sensíveis a movimentos na demanda. Essa sensibilidade se verifica de dois modos, ambas com implicações sobre a capacidade de produção. Primeiro, as empresas têm que realizar esforços para se imporem no mercado, como acontece na esfera do design, para a indústria de confecções, sapatos ou móveis, por exemplo. Mas, uma vez bem-sucedidas, as empresas têm que atender prazos de entrega. Segundo, esses setores são submetidos a sazonalidades que implicam picos temporais de produção. O atendimento a ambos os movimentos é possível pelas facilidades de expansão da capacidade de produção, em prazos relativamente curtos. Portanto, apesar dos esforços para se imporem ao mercado, o investimento das empresas desses setores é, efetivamente, reativo à demanda. Nas indústrias tradicionais prevalecem atividades de montagem em lotes ou em massa. Também estão presentes alta variedade de produtos de baixa intensidade tecnológica e poucos requisitos de escala mínima de produção.

A forte flexibilidade das escalas e a baixa relação capital/produto favorecem à variedade empresarial também pelas características da oferta: elas permitem a convivência de empresas com características estruturais – porte, linha de produtos, capacitação e desempenho, etc. – muito diferenciadas. O fator crítico para a competitividade nas indústrias tradicionais é a capacidade empreendedora de seus dirigentes, principalmente, o grau de atualização das técnicas de gestão de matérias-primas, mão-de-obra e equipamentos, esses elementos são os que melhor caracterizam o padrão de concorrência desse tipo de indústria. Assim, prevalece uma alta relação dos esforços em gestão sobre o valor da produção como elemento decisivo do padrão de concorrência nesse grupo – a definição do segmento-alvo de mercado da empresa e a organização da produção de modo a atender a seus requisitos específicos.

Como esses setores são usuários de inovações geradas fora deles, o acesso aos bens de capital na indústria têxtil e insumos químicos nas demais – as principais fontes de progresso técnico – não é problemático e não diferencia significativamente as empresas. No entanto, o pequeno porte empresarial, embora competitivamente viável, dificulta atingir o tamanho mínimo econômico que possibilita a incorporação dessas inovações.

Na maioria dos setores tradicionais, um número grande de pequenos produtores é responsável por uma proporção significativa da produção total. Como são baixas as barreiras à entrada de novos concorrentes, as empresas que adotam práticas produtivas que induzem menores custos e maior adequação ao uso dos produtos têm maior probabilidade de conseguir melhores lucratividades, apresentando tendência natural a expandirem-se em relação às demais. Se a taxa de expansão dessas empresas for maior do que a taxa de expansão de suas indústrias, a tendência é de concentração econômica, pela perda de participação no mercado das demais ou pela eliminação das empresas de menor capacidade. Isto é, as empresas que apresentam maiores níveis de custo e/ou menor flexibilidade financeira, em geral as empresas de menor porte, não serão capazes de suportar a pressão competitiva. No entanto, deve-se deixar bem claro que empresas destes setores, pela natureza da atividade econômica, podem ser ativadas ou desativadas com relativa velocidade. Portanto, em qualquer momento, a população de empresas e sua posição no ranking competitivo podem variar substancialmente em relação a períodos anteriores. No entanto, em segmentos específicos, pode ocorrer a concentração relativamente alta da produção, em particular onde há persistência de hábitos de consumo, conquistada através da imposição de marcas e sustentados com significativos esforços de venda. Nesse caso, a estrutura de mercado é o oligopólio competitivo, o que é reforçado pelas vantagens de custo, advindos da produção em altas escalas, por parte de empresas de maior porte. Assim a condição de líder setorial pode se sustentar por períodos expressivos de tempo.

Em resumo, nas indústrias tradicionais prevalece a variedade de produtos e de empresas. A posição competitiva das empresas, em grande parte, é definida pela eficácia e eficiência da gestão. A trajetória de evolução do padrão de concorrência nesses setores é de segmentação de mercados. Dentro desse grupo de indústrias tradicionais encontra-se o Setor Têxtil, objeto de nossa análise.

### **3 - SETOR EXTERNO NORDESTINO: ALGUNS RESULTADOS**

#### **3.1. Introdução**

Esse capítulo objetiva analisar o comportamento do setor externo nordestino e compará-lo com o Brasil. Inicialmente num período em que o modelo de desenvolvimento estava centrado no processo de substituição de importações e depois num período de abertura comercial.

Inicialmente fazemos uma exposição do comportamento recente do setor externo nordestino. Assim, o capítulo além desta introdução, conta com um item dois, onde analisa-se de forma agregada o comportamento do setor externo nordestino como um todo, comparando-o com o Brasil.

#### **3.2. Uma Análise Comparativa Entre o Nordeste e o Brasil**

Em sua história, o Nordeste se caracterizou como uma Região cuja dinâmica econômica era estabelecida por seu setor externo, ou seja; sempre o Nordeste se comportou como grande exportador brasileiro, primeiro a cana-de-açúcar, depois o algodão. A Região Nordeste cuja dinâmica exportadora era o mercado externo passa ao longo das primeiras décadas deste século, a se integrar à economia brasileira, assumindo a função de fornecedora de insumos primários para a indústria de bens de consumo não duráveis (Ver NALI DE JESUS, 1997). Esta foi a fase em que a Região passou a se voltar gradativamente mais para o mercado nacional. Todavia, a própria dinâmica da industrialização brasileira exigia cada vez mais o fornecimento de insumos cujos preços e produtividade fossem condizentes com uma economia que se expandia e ampliava a demanda de insumos. Como os produtores nordestinos não foram capazes de acompanhar esta dinâmica e a própria Região Sudeste caminhava a passos largos para substituir as importações nordestinas por produtos locais, restringiu-se, gradativamente, a participação do Nordeste no abastecimento de tais produtos, quando então Região Sudeste torna-se mais produtiva (e competitiva) em relação aos produtos antes atendidos através do comércio inter-regional. Desta forma, a Região

Nordeste foi sendo deslocada do mercado nacional, ou seja; a região Sudeste já não dependia mais dos insumos produzidos na região Nordeste, passando este último a ser fornecedor de insumos apenas para o mercado externo servindo de fornecedor líquido de divisas dado que este demandava a maior parte de seus produtos da região Sudeste do país. O que se vê é que com o prosseguimento dessa situação, associada à expansão da indústria nacional e a conseqüente busca de ampliação de mercado favorecido pela integração rodoviária, o Nordeste passou a ser inundado por produtos que vinham do Sudeste<sup>2</sup>.

Nesta fase, o Nordeste não se desarticulou completamente do comércio internacional. Na verdade, ele mantinha uma participação que oscilava mas que permitia à Região manter um nível de exportações suficiente para financiar suas importações. Esta foi uma situação que se intensificou com o advento da política de substituição de importações adotada no período e que impunha restrições tais como barreiras não tarifárias (quotas de importações, proibições, etc.) e tarifas elevadas e diferenciadas que incidiam, principalmente, sobre produtos com similares nacionais.

Foi dessa forma que o Nordeste passou a contar com as restrições às importações do exterior, substituindo-as por importações provenientes de outras regiões brasileiras, passando a ser considerado um fornecedor líquido de divisas para o Brasil, principalmente para a Região Sudeste, pois ao comprar produtos desta região, o Nordeste escoava todas as divisas ganhas com as suas exportações beneficiando ainda mais a região Sudeste pois esta poderia importar produtos para alavancar o seu desenvolvimento, tais como bens de capital. Esta articulação não passou despercebida pelo governo e foi um dos principais fundamentos para a necessidade da adoção de políticas compensatórias, dentre elas a tão debatida institucionalização dos incentivos fiscais (34/18 – Fundo de Investimento do Nordeste – FINOR) e a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), propostas pelo Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) em fins da déc 50 (ver REN, 1997).

---

<sup>2</sup> Esta é a fase conhecida como a fase da integração comercial, momento em que o Nordeste perdia a sua posição de fornecedor de insumos, predominantemente de origem primária, e passava a se constituir em um dos segmentos do mercado de produtos da indústria nacional (GUIMARÃES NETO, 1989).

Após a implantação da SUDENE e com o advento dos incentivos fiscais, iniciou-se um novo processo no qual o Nordeste passou a receber significativos fluxos de capital produtivo que vieram reestruturar a indústria nordestina e promover a conhecida integração produtiva voltando então a manter uma relação de complementariedade à indústria nacional através do fornecimento de insumos, isso porque a indústria nordestina não produzia bens de consumo final, ela só produzia bens intermediários, daí a complementariedade com a região Sudeste. Mas como o processo de substituição de importações ainda vigorava, a região Nordeste passava a ter, também, uma relação de dependência em relação a região Sudeste dado que os produtos manufaturados vinham de lá (ver REN, 1997). No entanto, essa integração apresentava-se com uma nova conotação: os insumos originavam-se de indústrias que exigiam grandes volumes de capital e foram, em grande parte, atraídas por alguma fonte (geográfica) de recursos naturais. Nesta nova fase, a dinâmica da indústria nordestina passou a ser determinada pelos movimentos da economia nacional. Foi um processo de complementariedade que permitiu que a Região inclusive avançasse nas exportações para o exterior, com uma pauta um pouco mais diversificada e formada por produtos que exigiam um maior processo de elaboração e maior conteúdo de valor agregado. Eram setores que, direcionados pelo paradigma tecnológico predominante (químico-metal-mecânico) permitiu ao Nordeste inserir-se em um processo de divisão inter-regional do trabalho e assumir uma função complementar, mantendo ainda, no entanto, diversas características de subordinação e dependência com a região Sudeste (MAGALHÃES, 1982 e ARAÚJO 1986, entre outros), principalmente no que diz respeito às decisões econômicas mais amplas, que permaneciam sob o controle dos grandes grupos nacionais<sup>3</sup>.

É através deste contexto histórico-evolutivo que detectamos a determinação da dinâmica da indústria nordestina: pelo cenário nacional e condicionado a sua articulação no comércio internacional. Esse processo continuou até a década de 80 quando se intensificaram os movimentos conjunturais e estruturais adversos, que sinalizavam para o esgotamento do modelo de industrialização por substituição de importações e as políticas

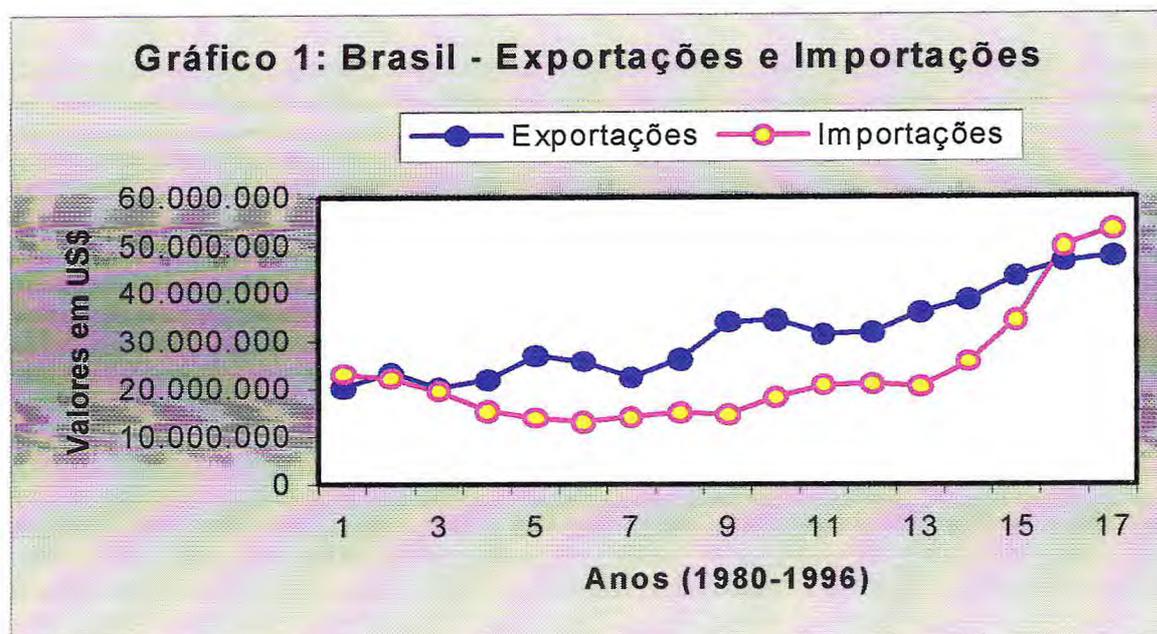
---

<sup>3</sup> Nesta vertente, observa MAGALHÃES (1982) e ARAÚJO (1986) que a indústria nordestina torna-se complementar à indústria nacional, fornecendo-lhe insumos, principalmente de origem petroquímica, e dependente de mercado, bens de capital, escolha tecnológica e, principalmente, de decisões econômicas, uma vez que a maior parte dos novos investimentos realizados na Região estavam sob controle dos grandes grupos nacionais sediados no Centro-Sul.

regionais passam a perder força. Paralelamente, a formação de blocos econômicos, o esgotamento do modelo *taylorista-fordista* de produção e o advento de um novo paradigma tecnológico calcado na informação, na microeletrônica e na flexibilidade inter e intra empresa, acionam um processo irreversível de reestruturação da economia mundial, passando o objetivo principal a ser a busca por uma maior competitividade internacional, alterando-se o padrão de comércio internacional vigente, tendendo à eliminação ou redução de barreiras, diminuição do nível médio das tarifas de importações, redução do grau de dispersão na estrutura tarifária e diminuição ou extinção de impostos sobre exportações.

O desdobramento de tais tendências em princípio buscam intensificar a concorrência e interesses em desenvolver novas técnicas, novos produtos e novas formas de organização da produção, compatíveis com a evolução dos padrões internacionais, além de promover uma (re)divisão internacional do trabalho mais adequada às vantagens competitivas de cada país. Isso traria como resultado a maior abertura da economia dos diversos países, dentre eles o Brasil, cujas conseqüências tendem a reestruturar e redimensionar as relações comerciais das diferentes regiões, dentre elas o Nordeste.

Uma breve análise do comércio internacional da Região Nordeste comparado com o do Brasil permite-nos perceber qual o desempenho da Região no atual cenário internacional, e como se ajusta ao novo contexto de divisão inter-regional do trabalho. Analisando o Gráfico 1 podemos observar que as exportações brasileiras oscilavam, em sentido ascendente, a partir de 1980, vindo a crescer a uma taxa média anual de 4,55% até 1990, e ganhou grande impulso a partir de 1990, onde o seu crescimento médio anual ficou em torno de 7,23%, até 1996 (ver Tabela 1, anexa).

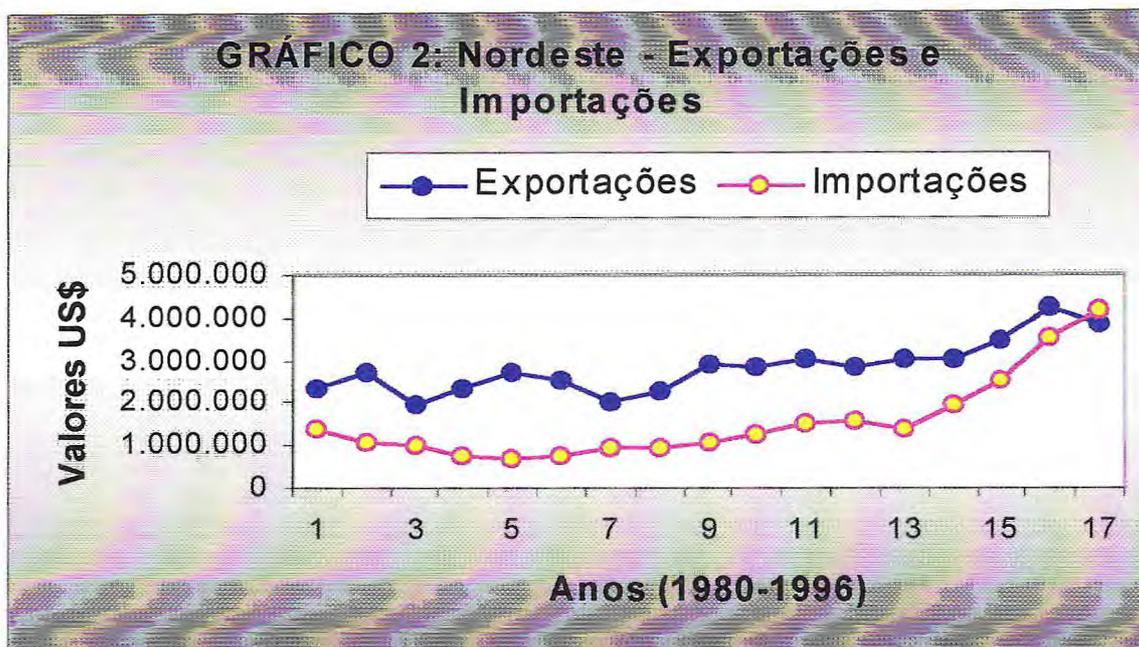


Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997.

É importante observar que a composição das exportações brasileiras mudou, aumentou-se a participação de produtos básicos, mas, proporcionalmente menos que a elevação de produtos industrializados, isso pois tanto produtos industrializados semi-manufaturados quanto produtos industrializados manufaturados aumentaram significativamente suas importações passando de US\$ 2.348.719.000 em 1980 para US\$ 8.352.892.000 em 1996 e US\$ 9.027.568.000 em 1980 para US\$ 26.387.645.000 em 1996 respectivamente, o que sinaliza para um maior conteúdo de valor agregado nos produtos nacionais comercializados no exterior.

A maior consequência da abertura, no entanto, foi sobre as importações que permaneceram quase estagnadas no período 1980-90 (declinaram em 1,05% ao ano) que passaram de US\$ 22.955.169.000 em 1980 para US\$ 20.661.362.000 em 1990 e deram um grande salto no período posterior, passando a crescer a uma média de 17,10% ao ano passando de US\$ 21.041.459.000 em 1991 para US\$ 53.286.251.000 em 1996 (ver Tabela 2, anexa). Este espetacular salto das importações representa uma resposta à política adotada pelo governo, com o intuito de expor o País a uma maior concorrência externa, estimulando,

assim, a busca de uma maior modernização do parque industrial nacional, objetivando torná-lo mais competitivo e capaz de se ajustar ao padrão exigido pela economia globalizada.



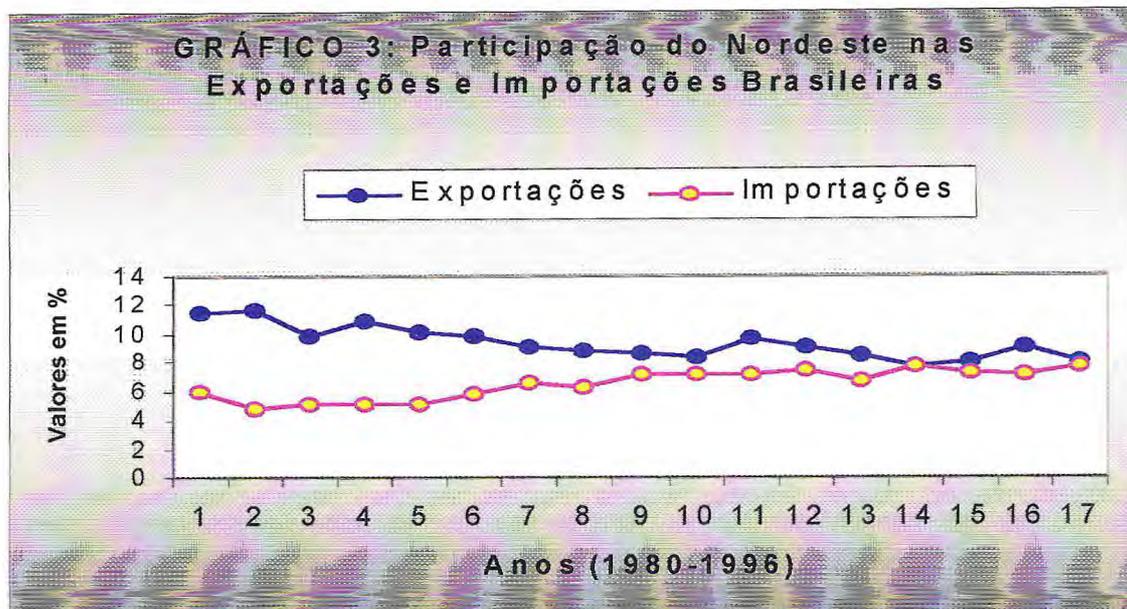
Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997

Desta forma, passaram a evoluir na pauta de importações brasileiras os insumos de melhor qualidade e preços e os bens de capital, que viriam a ampliar a capacidade produtiva brasileira, tanto em termos quantitativos, quanto em termos qualitativos, além de bens de consumo duráveis e não duráveis a preços menores. Era uma tentativa de dar um “choque” de concorrência, estimulando a agilização da reestruturação produtiva na indústria brasileira.

Observamos ainda que o crescimento das importações brasileiras foi liderado pelos produtos industriais manufaturados, que se expandiram a uma taxa média de 10,15% ao ano, passando de US\$ 22.955.169.000 em 1980 para US\$ 53.286.251.000 em 1996, enquanto que a importação de industrializados semi-manufaturados ampliaram-se a uma taxa média de 6,09% ao ano passando de US\$ 3.907.079.000 em 1980 para US\$ 10.060.964.000 em 1996 e declinaram as importações de produtos primários numa taxa média de 0,91% ao ano passando de US\$ 11.576.763.000 em 1980 para US\$ 7.916.682.000, em igual período (SUDENE, 1997). Estes resultados indicam uma reestruturação do comércio exterior

brasileiro, no sentido de exportar e importar produtos com um maior grau de processamento, ou seja; o que se verifica aqui, é um período de desenvolvimento na indústria brasileira pós abertura comercial, pois a mesma passa a demandar insumos de maior valor agregado e exportar produtos mais competitivos. Nota-se que o comportamento do Nordeste acompanha a tendência nacional (Gráfico 2, acima), no entanto, apresenta algumas diferenças que merecem ser destacadas. Em primeiro lugar, as oscilações de suas exportações e o seu crescimento médio anual são menores (2,71% ao ano, entre 1980 e 1990, e 4,09% ao ano após 1990), pois passou de US\$ 2.319.538.000 em 1980 para US\$ 3.030.397.000 em 1990 e de US\$ 2.859.771.000 em 1991 para US\$ 3.854.866.000 (ver Tabela 3, anexa). Por outro lado, as mudanças na pauta de exportação são caracterizadas pela redução das exportações de produtos básicos do Nordeste, que declinaram 2,66% entre 1980 e 1996, passando de US\$ 1.256.960.000 em 1980 para US\$ 816.606.000 em 1996 e elevação das exportações de produtos industrializados a uma taxa próxima à verificada no País, passando de US\$ 1.046.015.000 em 1980 para US\$ 3.006.104.000 em 1996. Já as suas importações cresceram mais do que a média nacional (0,77% ao ano entre 1980 e 1990, e 18,58% ao ano, de 1990 a 1996), passando de US\$ 1.381.280.000 em 1980 para US\$ 1.491.909.000 em 1990 e de US\$ 1.577.900.000 em 1991 para US\$ 4.147.886.000 em 1996, respectivamente. (SUDENE, 1997).

Salientamos que tal crescimento foi liderado pelos produtos industrializados, que acompanharam o comportamento nacional, enquanto as importações de produtos primários cresceram 3,34% ao ano, de 1980 a 1996, ao passo que as importações brasileiras de tais produtos declinaram a uma taxa de 2,35% em igual período. Um outro aspecto que diferencia o Nordeste do Brasil é que a Região avança mais nas importações de produtos industriais semi-manufaturados, enquanto o País passou a absorver mais produtos industrializados manufaturados (ver Tabela 2 e 4, anexas). Isto reflete os diferentes estágios em que se encontram as economias do Nordeste e das demais regiões brasileiras, principalmente do Sudeste, mostrando o atraso em que ainda se encontra a região Nordeste.



Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997

O resultado que se pode tirar mais imediato dessas observações é que o nordeste passa a reduzir sua participação nas exportações brasileiras e a elevar sua participação nas importações brasileiras, conforme pode ser visualizado através do Gráfico 3. Percebe-se ali que declina a participação das exportações nordestinas no Brasil de 11,52%, em 1980, para 8,07%, em 1996, enquanto eleva-se a participação nas importações de 6,02%, em 1980, para 7,78%, em 1996 (ver Tabelas 5 e 6, anexas).

É interessante observar que na comparação entre o Nordeste e o Brasil, ambas as regiões manifestam, em média, durante todo o período em análise (1980-96), uma relação comercial onde as exportações sobrepõem-se às importações (Gráficos 1 e 2) o que é natural, dado que os efeitos da política de substituição de importações ainda não haviam se desfeito completamente. Todavia, tal relação é mais nítida para o Nordeste (Gráfico 2), já que a região Nordeste era grande exportadora para o mercado internacional e possuía baixa importação do mesmo dado a política de substituição de importações adotada no período, o que o obrigava a importar produtos de outras regiões do País principalmente do Centro-Sul. Para ilustrar esse resultado, calculamos para ambas as regiões a participação do saldo do balanço comercial (PSBC) no volume total do comércio (Tabela 7, anexa) através do seguinte indicador:

$$\text{PSBC} = \frac{(X - M)}{(X + M)} \times 100$$

Onde: X representa as exportações e  
M as importações.

Se  $\text{PSBC} > 0$ , implica que as exportações são maiores que as importações. Constatamos então que o Nordeste é caracterizado como uma Região cujo saldo da balança comercial, que em média é positivo, é proporcionalmente maior do que o do Brasil. Assim, as exportações regionais têm um peso maior no seu comércio internacional do que as do País, ou seja, o Nordeste é proporcionalmente mais exportador do que o Brasil. Este resultado não é estranho e reflete o fato histórico de que a Região Nordeste é caracterizado como uma região que exporta mais do que importa dada a política de substituição de importação no período, ou seja; pela existência de barreiras às importações adotadas até os anos recentes fez com que as suas deficiências de abastecimento fossem atendidas por outras regiões brasileiras, principalmente o Sudeste, através do comércio inter-regional. Com a maior abertura da economia, esta situação tende a se modificar, reduzindo-se a participação do saldo da balança comercial do Nordeste no comércio exterior aproximando-se do observado para o Brasil, dado que este passa a demandar grande parte de seus produtos de fora.

Este dado poderia nos indicar que a abertura da economia possibilitou ao Nordeste ter mais acesso a produtos internacionais e, possivelmente, a substituição de parte de suas importações originárias das outras regiões brasileiras por produtos obtidos no exterior. Tendo em vista essa nova configuração para a Região Nordeste objetivamos, nas próximas seções, examinar o comportamento do grupo de produtos que compõem o setor têxtil que se revelaram competitivos no período correspondente à abertura comercial propriamente dita (1991 a 1996) através de seu comportamento no comércio internacional, via indicadores de competitividade revelada.

## 4 - IDENTIFICAÇÃO DA COMPETITIVIDADE REVELADA DO GRUPO DE PRODUTOS DO SETOR TÊXTIL NORDESTINO

### 4.1. Introdução

Neste capítulo objetivamos a análise da competitividade do grupo de produtos (ou setores) exportadores que compõe o setor têxtil da Região Nordeste. Buscaremos um diagnóstico desta competitividade, ou seja; saber se um determinado setor foi competitivo ou não no período em análise e, para isso, utilizaremos como critério básico para a identificação dos setores, essencialmente seus indicadores de desempenho para a Região, que se refere mais especificamente à revelação do setor no comércio internacional. Utilizamos para esse fim, alguns indicadores de comércio exterior em particular aqueles relacionados à idéia presente no conceito de competitividade revelada. Trabalhamos com dados de exportação e importação para a Região Nordeste e para o Brasil como um todo, no período caracterizado pela “*abertura comercial*” propriamente dita, ou seja, os anos de 1991 a 1996<sup>4</sup> e utilizando a classificação prevista pela Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (Grupos de Produto e Capítulos NBM)<sup>5</sup>.

Utilizamos um conjunto de indicadores de desempenho revelado para detectarmos setores competitivos por este critério. Buscamos analisar o comportamento tanto de exportações e importações no tempo como do resultado de ambos, expressos no saldo da balança comercial, no coeficiente de especialização relativa e na taxa de cobertura das importações no Nordeste em termos relativos ao Brasil. A escolha dos indicadores por nós trabalhados, além de estar baseada no próprio tratamento da competitividade, é referendada pela ampla utilização em estudos já consagrados sobre competitividade.

---

<sup>4</sup> Devemos salientar que os dados de importações, bem como os indicadores que deles necessitam, serão apresentados sem os valores correspondentes aos anos de 1993 e 1994. Isso se deveu ao fato de não se ter conseguido os dados para estes anos.

<sup>5</sup> Os dados estão disponíveis no Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT) a nível de agregação de dez dígitos. Denominam-se aqui os Capítulos NBM (no total de 100) também de Setores.

Para uma melhor compreensão, fazemos inicialmente (seção 4.2) uma breve exposição do significado e da forma de utilização de cada um desses indicadores. Na (seção 4.3), será feita uma apresentação geral dos resultados e será subdividida em 5 subseções. A (seção 4.4) está subdividida em duas subseções: inicialmente (item 4.4.1) os principais setores, aqueles que despontam na pauta das exportações nordestinas de 96, serão analisados mais detidamente através da apresentação do conjunto completo dos indicadores e a seção (4.4.2) trata com setores identificados através do crescimento de suas exportações no período considerado. Apresentamos então o estado da competitividade dos setores cujas exportações cresceram a uma taxa maior ou igual à taxa de crescimento das exportações da Região como um todo.

## **4.2. Apresentação dos Indicadores**

### **a) Participação dos setores na pauta de exportação ( $DS_x$ )**

$$DS_{xit} = \frac{X_{inet}}{X_{net}}$$

Onde:  $X_{inet}$  = Exportações nordestinas do setor  $i$  no período  $t$

$$X_{net} = \sum X_{i net} = \text{Total das Exportações Nordestinas no período } t$$

Esse indicador mede a participação das exportações do setor  $i$  da região nordeste período  $t$  relativo as exportações totais nordestinas. Tal indicador nos possibilita saber quais são os setores que mais exportam em dado período de tempo e qual a sua evolução no tempo.

### **b) Variação do índice de valor das exportações e das importações**

Os referidos índices mostram a evolução das exportações e importações em dólar corrente e são importantes para evidenciar o comportamento ao longo do período, ou seja; saber se as exportações de um determinado setor aumentaram ou diminuíram.

**c) Coeficiente de especialização relativa do setor  $i$  ( $CSR_{xi}$ ) no que se refere às exportações do Nordeste Brasileiro.**

$$CSR_{xinet} = \frac{X_{inet} \setminus X_{net}}{X_{ibrt} \setminus X_{brt}}$$

Esse é um indicador de vantagem comparativa revelada mais comumente utilizado, pois ele mede a relação da participação das exportações do setor  $i$  nas exportações totais do Nordeste relativo ao total das exportações do mesmo setor nas exportações totais do Brasil. Caso  $CSR_x > 1$ , significaria que a Região Nordeste está relativamente mais especializada nas exportações do setor  $i$  do que o país como um todo. Apresentaria portanto, uma vantagem comparativa (ocorrendo o contrário quando  $CSR_x < 1$  revelando uma desvantagem comparativa). Uma vantagem comparativa seria aqui revelada pela maior importância que possui as exportações do setor nordestino em relação as exportações do setor brasileiro relativo à importância que tem as exportações (em termos gerais) do Nordeste para as exportações brasileiras.

**d) Taxa de cobertura das importações**

$$TC_{inet} = \frac{X_{inet} \setminus M_{inet}}{X_{ibrt} \setminus M_{ibrt}}$$

Esse também é um indicador de vantagem comparativa revelada que incorpora também o comportamento das importações o que complementaria a análise do indicador anterior. Esse indicador mede a relação que se dá entre as exportações do setor  $i$  relativa as importações do mesmo setor no Nordeste, sobre as exportações desse setor e suas importações em termos de Brasil. Quando  $TC_{inet} > 1$ , identifica-se uma vantagem comparativa em termos de cobertura das importações, ou seja; as exportações nordestinas do setor  $i$  teriam uma dimensão maior, quando comparadas às importações do mesmo setor, do que o mesmo indicador para o Brasil.

A Taxa de Cobertura das Importações constitui-se também de um indicador de vantagem comparativa revelada com a diferença de que considera o comportamento das importações, o que facilita inclusive a análise da dinâmica do setor no período considerado comparando a suas exportações e suas importações.

#### e) Contribuição ao Saldo da Balança Comercial Nordestina

$$CS_{NERit} = 100 * \frac{(X_{iNEt} - M_{iNEt})}{(X_{\bullet Net} + M_{\bullet Net})} - 100 * \frac{(X_{\bullet Net} - M_{\bullet Net})}{\frac{1}{2}(X_{\bullet Net} + M_{\bullet Net})} - \frac{(X_{iNEt} + M_{iNEt})}{\frac{1}{2}(X_{\bullet Net} + M_{\bullet Net})}$$

Aqui temos outro indicador de vantagem comparativa revelada que é medido através da comparação do saldo comercial observado de um determinado setor com o que seria obtido se o saldo comercial global da Região estivesse proporcionalmente (ponderado pela participação do total do comércio do setor no total do comércio nordestino) distribuído entre os diversos setores. Sendo o resultado positivo, o setor em questão contribui acima do esperado teoricamente; sendo negativo, revelaria uma desvantagem comparativa.

### 4.3. Apresentação Geral dos Resultados dos Indicadores de Competitividade Revelada

O ponto de partida para o processo de seleção de setores (ou grupo de produtos) do setor têxtil, é o indicador de distribuição setorial das exportações da Região (participação do setor no total das exportações nordestinas) no período 91-96 e sua ordenação (*ranking*) a cada ano. Inicialmente, consideramos a distribuição das exportações por setor em 96 tomando como base o conjunto de Capítulos da NBM responsável por 90% do total das exportações da Região (**Ver Tabela 1 abaixo**). Em seguida, passamos à análise dos demais indicadores com o fim de afirmar ou negar a importância dos setores selecionados inicialmente.

#### **4.3.1. Quadro geral dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil considerando a distribuição setorial das exportações (participação no total das exportações nordestinas)**

A partir da análise da distribuição setorial das exportações do Nordeste ( $DS_x$ ) para o período 1991-1996, observou-se que 90% das exportações nordestinas estão, em 1996, vinculadas aos seguintes grupos de produtos na **Tabela 1 abaixo**, onde dentre eles se destacam dois do setor têxtil: **(52) Têxteis metalizados** com participação de 2,21% nas exportações nordestinas e 14º no *Ranking* e **(56) Têxteis sintéticos e artificiais descontínuos** com participação de 1,23% nas exportações nordestinas e 22º lugar no *Ranking*. Há que se destacar certa mudança na distribuição setorial das exportações no período considerado.

Em 1991, 17 (dezessete) setores eram responsáveis por 90% das exportações nordestinas, enquanto em 1996, um conjunto de 23 setores correspondia a essa percentagem, revelando-se alguma diversificação na pauta.

Ressalta-se a perda de participação do **(55) Algodão** nas exportações da Região no período considerado, passando da posição de 16º no *ranking* (1,29% do total de 90% das exportações), em 1991, para 41º (0,26% do total), em 1996 (Ver Tabela 9, anexa).

Analisaremos agora o comportamento dos grupos de produtos do setor têxtil, considerando o conjunto dos demais indicadores de competitividade.

Tabela 1

**Setores Responsáveis por 90% do Valor das Exportações Nordestinas Segundo  
Participação do Setor e Ranking (1996)**

<i>Capítulos NBM</i>	<i>DS<sub>x</sub>(em %)</i>	<i>Ranking 96</i>
(76) Alumínio	12,68	1°
(29) Produtos químicos orgânicos	11,59	2°
(17) Açúcares e produtos de confeitaria	9,62	3°
(08) Frutos comest., cascas de frutas, etc.	5,92	4°
(72) Ligas de ferro, moedas, etc.	5,75	5°
(39) Matérias plásticas artificiais, etc.	5,17	6°
(18) Cacau e suas preparações	4,37	7°
(27) Combust. Miner. Óleos e ceras min.	3,61	8°
(47) Materiais utilizadas na fabricação de papel	3,53	9°
(74) Cobre	3,52	10°
(28) Produtos químicos inorgânicos	2,44	11°
(41) Peles e couros	2,30	12°
(71) Pérolas naturais, pedras preciosas, etc.	2,23	13°
<b>(52) TÊXTEIS METALIZADOS</b>	<b>2,21</b>	<b>14°</b>
(15) Gorduras, óleos e ceras (animais e vegetais)	2,11	15°
(85) Máquinas, aparelhos elétricos, etc.	2,00	16°
(12) Sementes e frutos oleaginosos, grãos, etc.	1,91	17°
(22) Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	1,86	18°
(20) Preparado de Legumes, Hortaliças e Frutas	1,75	19°
(03) Peixes, crustáceos e moluscos	1,69	20°
(48) Papel, cartolina, cartão e suas obras	1,42	21°
<b>(56) TÊXTEIS SINTÉTICOS E ARTIFICIAIS DESCONTÍNUOS</b>	<b>1,23</b>	<b>22°</b>
(24) Fumo ou tabaco	1,08	23°
<b>TOTAL</b>	<b>89,99</b>	

Fonte: SUDENE, 1999.

### ***4.3.2. Quadro Geral dos Grupos de Produtos que compõem o Setor Têxtil considerando o Índice de Valor de suas Exportações***

Considerando o índice de valor das exportações nordestinas em 96 (Ver Tabela 2 abaixo)<sup>6</sup> evidencia-se um crescimento vertiginoso de alguns setores tomando por base o ano de 91. Dentre os setores revelados pelo indicador anterior destacam-se:

As exportações do setor **(52) Têxteis metalizados** permaneceu estável com participação nas exportações nordestinas passando de 2,89% em 1991 para 2,21% em 1996 e índices de valor passando de 80,10 em 1994 para 93,57 em 1996. Já **(56) Têxteis sintéticos e artificiais descontínuos** teve reduções significativas no valor de suas exportações de 91 a 96, cuja participação nas exportações nordestinas passaram de 2,36% em 1991 para 1,23% em 1996, com índice de valor igual a 63,86 em 96 (Ver Tabela 9 e 13).

Além dos já citados, salientam-se os setores que cresceram sistematicamente mas ainda apresentam-se com participação insignificante em 96: **(54) Linho e rami** com participação de 0,34% nas exportações nordestinas e índice de valor igual a 287; **(61) Vestuário e seus acessórios de tecido** com participação de 0,39% nas exportações nordestinas e índice de valor igual a 160, e **(62) Outros artigos de confecções e tecidos** com participação de 0,28% nas exportações nordestinas e índice de valor igual a 144.

Por fim, estão aqueles que crescem vertiginosamente em 96 com relação a 91 mas de forma errática: **(51) Têxteis sintéticos e artificiais, etc** com participação de 0% em 1991 passando para 0,002% em 1996 nas exportações nordestinas e índice de valor igual a 600,23.

---

<sup>6</sup> Esta tabela apresenta o índice de crescimento do valor das exportações nordestinas. Este índice está ordenado e apresenta o valor dos índices de 1996 até apresentar-se, na ordenação, o último dos 23 grupos de produtos responsáveis por 90% das exportações nordestinas naquele ano. Para os outros setores, ver Tabela 13, do Anexo.

Tabela 2

Índice de Valor das Exportações da Região Nordeste para 1996 (Ano Base = 1991)

<i>Setores</i>	<i>Índice</i>
(51) Têxteis sintéticos e artificiais	600,23
(57) Outras fibras têxteis vegetais	428,30
(54) Linho e Rami	287,38
(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos	159,74
(62) Outros artigos de confecções de tecidos	143,70
(60) Tecidos, artigos de malharia	135,78
(52) Têxteis metalizados	93,57
(53) Lã, pelos e crinas	77,54
(56) Têxteis sintéticos e art. Descontínuos	63,86
<b>Total para a Região</b>	<b>122,56</b>

Fonte: SUDENE, 1999.

#### ***4.3.3. Quadro Geral dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil Exportador Nordestino Considerando o Coeficiente de Especialização Relativa***

Observando os 23 setores responsáveis por 90% das exportações nordestinas em 1996, evidenciam-se 17 dezessete com nítida especialização regional, ou seja; com **CSR > 1**. Dentre estes, destacam-se ainda 6 (seis) setores com **CSR** acima da média para o conjunto com **CSR > 1** (média = 4,58), onde se destaca do grupo de produtos do setor têxtil, **(56) Têxteis sintéticos e artificiais descontínuos** com **CSR = 6,2** no ano de 1996.

Nos setores considerados, estão também aqueles que possuem especialização relativa abaixo da média (**CSR = 4,58**) do conjunto, onde se destaca do grupo de produtos do setor têxtil, **(52) Têxteis metalizados** com **CSR = 3,8** e que faz parte dos 23 grupos de produtos responsáveis por 90% das exportações nordestinas.

Destacam-se ainda diversos setores que se apresentaram em 96 com uma vantagem comparativa (**CSR > 1**) para o Nordeste e que não fazem parte dos principais setores exportadores expressos acima. Apresenta-se aqui em ordem de importância do valor da

CSR: (53) Lã, pelos e crinas com CSR = 7,28; (57) Outras fibras têxteis vegetais com CSR = 4,58; (55) Algodão com CSR = 1,96; (54) Linho e rami com CSR = 1,81; (61) Vestuário e seus acessórios de tecidos com CSR = 1,56; e (62) Outros artigos de confecções e tecidos com CSR = 1,14 (Ver Tabela 12, do anexo).

Tabela 3

*Ranking do Coeficiente de Especialização Relativa para os Setores Responsáveis por 90% das Exportações Nordestinas em 1996 (1991-1996)*

<i>GRUPO DE PRODUTOS<sup>(*)</sup></i>	<i>1991</i>	<i>1992</i>	<i>1993</i>	<i>1994</i>	<i>1995</i>	<i>1996</i>	<i>CSR96</i>
<i>(56) Têxteis sint. E artificiais descontínuos</i>	1	2	3	5	5	6	6,2
<i>(52) Têxteis metalizados</i>	19	23	19	15	15	14	3,8

Fonte: SUDENE, 1999.

(\*) Apresentados por ordem de importância decrescente para os valores de DSR de 1996

O setor, (52) Têxteis metalizados estão abaixo da média (CSR = 4,58) com especialização relativa oscilante entre 91 e 96, passando de 2,05 em 1991 para 3,81 em 1996.

#### *4.3.4 Quadro Geral dos Grupos de Produtos do Setor Têxtil Exportador Nordestino Considerando a Taxa de Cobertura das Importações*

Dentre os 23 setores responsáveis por 90% das exportações nordestinas em 1996, apenas três grupos de produtos se destacam. No setor têxtil damos ênfase ao setor: (52) Têxtil metalizados que possui uma TCM = 0,85 e é menor que 1 apresentando-se com desvantagem comparativa.

Para esses 23 setores, em geral o ano de 1995 apresenta-se com uma queda na taxa de cobertura de suas importações quando comparado aos anos anteriores, refletindo a reação do comércio exterior à política de redução de tarifas sobre importação já implementadas no período e revistas posteriormente.

Dentre os 17 setores que apresentam uma vantagem comparativa, existem alguns que perderam em termos de TCM. Dentro do setor têxtil apresenta-se um com forte oscilação para baixo no período (91-96) como: **(56) Têxteis sintéticos e artificiais descontínuos** com taxa de cobertura das importações igual a 207,95 em 1991 passando para 46,06 em 1996.

Apesar dos demais setores fora desse conjunto, ou seja; fora do grupo dos 23 que são responsáveis por 90% das exportações nordestinas em 1996, apresentarem uma clara vantagem comparativa, o valor da TCM oscila de forma significativa em 1996 entre eles. Por exemplo temos: **(51) Têxteis sintéticos e artificiais, etc** com TCM = 224,34; **(53) Lã, pelos e crinas** com TCM = 2,51; **(54) Linho e rami** com TCM = 5,14; **(57) Outras fibras têxteis vegetais, etc** com TCM = 13,89; **(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos** com TCM = 48,96; e **(62) Outros artigos de confecções de tecidos** com TCM = 10,14; com exceção de **(58) Tapetes e tapeçaria, veludo pelúcias** com TCM = 0,14; e **(63) Roupas usadas, trapos e farrapos** com TCM = 0,51 em 1996 (Ver 14 Tabela, do Anexo).

#### ***4.3.5. Quadro Geral dos Setores Exportadores considerando sua Contribuição ao Saldo da Balança Comercial Nordestina.***

Dos 23 setores considerados aqui, 17 (dezessete) são exatamente os primeiros no *ranking* da CSBC (Ver Tabela 15, do Anexo).

O setor de **(56) Têxteis sintéticos e artificiais descontínuos**, contribui positivamente ao saldo da balança comercial nordestina mas experimenta uma queda de 43% no período considerado, com a contribuição ao saldo da balança comercial passando de 2,16 em 1991 para 1,21 em 1996. Já, **(52) Têxteis metalizados** apresenta uma nítida desvantagem comparativa com CSBC = -6,16 em 1996 e é a maior desvantagem dentro do grupo de produtos que compõem o setor têxtil.

Fora do grupo dos 21 setores responsáveis por 90% das exportações nordestinas, temos um outro tipo de trajetória interessante para exame que é daqueles setores que

apresentam um aumento considerável de sua vantagem comparativa, vista pela contribuição ao saldo da balança comercial, como: **(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos** com variação de 42,25% no período (91-96), passando de 0,26 em 1991 para 0,38 em 1996; e **(62) Outros artigos de confecções de tecidos** com variação de 11,24% no período (91-96), passando de 0,21 em 1991 para 0,23 em 1996.

Temos ainda os que apresentaram desvantagem comparativa em 1996: **(55) Algodão** com CSBC = - 0,22; **(58) Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias** com CSBC = - 0,04; e **(60) Tecidos, artigos de malharia** com CSBC = - 0,01

#### **4.4. Análise do Conjunto de Indicadores de Competitividade por Grupo de Produtos do Setor Têxtil Selecionados**

Esta seção comportará duas subseções nas quais estará a análise da competitividade por setor, tomando por base o conjunto de indicadores apresentados na seção anterior. Na primeira subseção, está o conjunto de setores responsável por 90% das exportações nordestinas em 96, na segunda, aqueles cujas exportações cresceram, substancialmente ou não, no período 91-96 e que não fazem parte do conjunto anterior.

##### ***4.4.1 Grupos de produtos do setor têxtil que fazem parte dos 23 grupos de produtos responsáveis por 90% das exportações nordestinas em 96***

**Têxteis metalizados (52)**, manteve sua participação na pauta nordestina no período, apesar de uma leve redução no valor de suas exportações, com variação de -23,66 passando de 2,89% em 91 para 2,21 em 1996. Possui uma clara vantagem comparativa pela especialização, com CSR = 3,8. Sua taxa de cobertura das importações reduz-se drasticamente, passando a TCM de 1,53 em 1991 para 0,85 em 1996, refletindo um aumento de mais de 1.000% no valor de suas importações. O conjunto desses indicadores expressa um movimento fortemente decrescente da contribuição ao saldo da balança comercial que

passa de positiva (1,22) para negativa (-6,16) em 1996 uma variação de 603%. Avaliamos que este setor apresenta uma visível perda de competitividade.

**Têxteis sintéticos e artificiais descontínuos (56)**, tiveram suas exportações reduzidas em 47,9% implicando inclusive em uma redução de sua participação no total das exportações nordestinas, passando de 2,36% em 91 para 1,23% em 1996. Este setor possui um elevado coeficiente de especialização (6,20) em 96, apesar de experimentar uma forte redução desse indicador, que era de (9,20) em 1991. A taxa de cobertura reduz-se de quase 5 vezes passando de 207,95 em 1991 para 46,06 em 1996. Apesar de suas importações ainda participarem de forma desprezível na Região com 0,020%, tiveram um aumento de mais de 1100% refletindo também uma redução na contribuição ao saldo da balança comercial nordestina que passou de 2,16 em 91 para 1,20 em 1996. Também há neste caso uma evidente perda de competitividade.

Apresentamos a síntese destes resultados: Os Grupos de Produtos do Setor Têxtil Nordeste Revelados pela *Importância na Pauta de Exportações* e Outros Indicadores de Competitividade (1991-1996), **Têxteis Metalizados (52)** e **Têxteis Sintéticos e Artificiais descontínuos (56)**, perdem competitividade segundo análise dos indicadores de competitividade no comércio exterior.

#### ***4.4.2 Grupos de produtos do setor têxtil selecionados pelo crescimento das exportações no período 91-96***

Um subconjunto mostra um crescimento das exportações acima do observado para a Região Nordeste, são eles: **(57) Outras fibras têxteis vegetais, etc** (328%); **(54) Linho e rami** (187%); **(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos** (60%); **(62) Outros artigos de confecção de tecidos** (44%); e **(60) Tecidos, artigos de malharia** (36%). Dentre esses, destacam-se aqueles que possuem um índice de especialização relativa maior que 1 em 96: **(57) Outras fibras têxteis vegetais, etc.** (4,58); **(54) Linho e rami** (1,81); **(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos** (1,56); e **(62) Outros artigos de confecção de tecidos** (1,14) (ver Tabela 4, abaixo).

**Tabela 4**  
**Exportações Nordestinas Índice de Valor para os Grupos**  
**de Produtos do Setor Têxtil que Cresceram no Período 1991-1996 (1991=100)**

SETORES <sup>(*)</sup>	Índice de Valor das Exportações						CSRE	TCM96
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1996	1996
(57) Outras fibras têxteis vegetais, etc.	100	119	145	184	210	428	4,58	13,89
(54) Linho e Rami	100	79	109	203	296	287	1,81	5,14
(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos	100	255	263	240	251	160	1,56	48,96
(62) Outros artigos de confecção de tecidos	100	138	358	407	149	144	1,14	10,14
(60) Tecidos, artigos de malharia	100	582	106	83	182	136	0,62	1,74

Fonte: SUDENE, 1999.

<sup>(\*)</sup> Apresentados por ordem decrescente do índice para o ano de 1996

Desses conjunto de setores cujas exportações cresceram no período, contribuíram positivamente ao saldo em 96: **(57) Outras fibras têxteis vegetais, etc.** (0,14); **(54) Linho e rami** (0,05); **(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos** (0,38); e **(62) Outros artigos de confecção de tecidos** (0,23). Para nos auxiliar em nosso diagnóstico de competitividade apresentamos na Tabela 5, a evolução do *ranking* do Coeficiente de Especialização Relativa para os setores cujas exportações cresceram no período aqui considerado.

**Tabela 5**  
**Ranking do Coeficiente de Especialização Relativa para o Grupo de Produtos do Setor**  
**Têxtil cujas Exportações Cresceram no Período 91-96 (1991-1996)**

SETORES <sup>(*)</sup>	1991	1992	1993	1994	1995	1996	CSRX 96 <sup>c</sup>
(57) Outras fibras têxteis vegetais, etc.	17	16	20	18	16	17	3,0
(54) Linho e Rami	28	32	32	25	20	23	1,8
(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos	32	28	29	29	25	27	1,6
(62) Outros artigos de confecção e tecidos	29	29	23	22	32	31	1,1
(60) Tecidos, artigos de malharia	26	21	35	39	31	41	0,6

Fonte: SUDENE, 1999.

<sup>(\*)</sup> Apresentados por ordem decrescente de CSRX do ano de 96.

Analisando os indicadores acima referidos juntamente com a taxa de cobertura das importações e a contribuição ao saldo da balança comercial da Região (ver Tabela 15, do anexo),

identificam-se as seguintes situações: os Grupos de Produtos do Setor Têxtil Nordeste Revelados pelo *Movimento das Exportações* e Indicadores de Competitividade (1991-1996) **(57) Outras fibras têxteis vegetais, etc** e **(54) Linho e rami** ganham competitividade e que, **(61) Vestuário e seus acessórios**, **(62) Outros artigos de confecções de tecidos** e **(60) Tecidos, artigos de malharia** perdem competitividade.

#### **4.5. Identificação da Incidência de Grupo de Produtos do Setor Têxtil Selecionados nos Estados Nordestinos**

Uma vez apresentados esses resultados de desempenho pelos setores exportadores nordestinos, identificamos, sua incidência nos respectivos Estados. A identificação desse conjunto que, por um critério ou outro, mostrou-se importante para a análise, possibilitou sua localização. Com isso torna-se possível, para efeitos de tomadas de decisões de políticas econômicas, compatibilizar os setores selecionados com as condições sistêmicas a eles correspondentes. Os resultados da localização dos setores nos Estados estão apresentados na Tabela 6 abaixo.

Interessante observar que, ao se investigar a pauta de exportações por Estado e para o ano de 1996, revelam-se setores importantes que não faziam parte da seleção inicial e realizada inicialmente a partir da pauta regional e dos demais indicadores de competitividade aqui utilizados. Assim considerou-se necessário uma atenção especial aos setores com no mínimo 1% de participação nas respectivas pautas estaduais.

Dessa forma, para o Estado da Bahia revelou-se ainda, com importância, os seguinte setor: **(53) Lã pelos e crinas**. Este é o Estado do Nordeste com maior diversificação da pauta, evidenciado inclusive pelo total de 78% correspondente à somatória da participação dos setores com o percentual salientado acima, ou seja, no mínimo 1% das exportações estaduais, enquanto para os demais estados, esse total é bem maior, situando-se acima de 95%.

**Tabela 6**  
**Exportações Nordestinas**  
**Incidência dos Setores Identificados por Estados do Nordeste (1996)**

Capítulos NBM	Estados								
	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA
(52) Têxteis metalizados	X		X	X	X	X		X	
(56) Têxteis sintéticos e artificiais descontínuos			X	X	X				X
(54) Linho e Rami									X
(61) Vestuário e seus acessórios de tecidos		X				X			
(62) Outros artigos de confecção de tecidos		X	X			X			
(60) Tecidos, artigos de malharia						X		X	

Fonte: SUDENE, 1999.

Para o Estado do Ceará, revelou-se os seguinte setor: **(55) Algodão**. O somatório da participação dos grupos na pauta estadual com no mínimo 1% corresponde, neste Estado, a 97% do total de suas exportações.

Para o Estado do Rio Grande do Norte revelou-se o setor **(55) Algodão** que corresponde a 2% das exportações do Estado onde as exportações dos principais setores (participação de no mínimo 1% na pauta) correspondem a 99% do total das exportações do Estado.

Para o Estado da Paraíba, revelaram-se os setores: **(57) Outras fibras vegetais**.

O Estado de Sergipe possui uma pauta bastante restrita onde apenas 6 (seis) dos principais setores são responsáveis por 99,7% da pauta de exportação estadual. Além dos setores já selecionados pelos indicadores aqui examinados, este Estado revela os setores **(62) Confeções diversas** (com 2%) e **(55) Algodão** (com 1% da pauta).

## 4.6 - Desenvolvimentos Recentes

No ano de 1997<sup>7</sup>, observamos segundo a tabela 7, abaixo, que o Estado da Paraíba vem em primeiro lugar, como o estado cuja participação das exportações do setor têxtil nas exportações do estado é igual a 55,96% dando-se maior ênfase ao grupo de produtos **(56) Fios especiais; cordéis; cordas e cabos** com participação de 40,96% das exportações paraibanas. Em segundo lugar vem o Estado de Sergipe cuja participação das exportações do setor têxtil nas exportações do estado é igual a 31,14% dando-se maior ênfase ao grupo de produtos **(52) Algodão, tecidos e fibras de algodão** cuja participação foi de 22,88% das exportações sergipanas, e em terceiro lugar vem o Estado do Ceará cuja participação das exportações do setor têxtil nas exportações do estado é igual a 18,15% dando-se maior ênfase ao grupo de produtos **(52) Algodão, tecidos e fibras de algodão** cuja participação foi de 12,11% das exportações cearenses.

**Tabela 7**  
**Participação dos Grupos de Produtos do Setor**  
**Têxtil por Estado do Nordeste (1997)**

	AL	BA	CE	MA	PA	PE	PI	RN	SE
<b>(51) Lã, pelos e crinas</b>	0,000	0,006	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
<b>(52) Algodão, tecidos e fibras de algodão</b>	0,000	0,000	12,111	0,524	0,080	0,104	0,000	5,267	22,886
<b>(53) Outras fibras têxteis vegetais, etc</b>	0,000	0,804	0,000	0,000	0,585	0,169	0,000	0,000	0,000
<b>(54) Filamentos sintéticos ou artificiais, etc</b>	0,000	0,567	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
<b>(55) Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas</b>	0,066	0,082	2,694	0,013	0,008	0,483	0,000	0,231	1,114
<b>(56) Fios especiais; cordéis; cordas e cabos</b>	0,000	2,232	0,738	0,000	40,966	0,000	0,000	1,730	0,000
<b>(57) Tapetes e outros revest. P/ pavimentos</b>	0,000	0,085	0,000	0,000	6,314	0,000	0,000	0,000	0,000
<b>(58) Tecidos especiais; rendas; e tapeçarias</b>	0,000	0,000	0,071	0,000	0,018	4,892	0,002	0,000	0,000
<b>(60) Tecidos de malha</b>	0,000	0,000	0,024	0,000	0,000	0,131	0,000	0,000	1,109
<b>(61) Vestuário e seus acessórios, de malha</b>	0,000	0,003	0,525	0,000	0,013	2,131	0,033	0,866	0,006
<b>(62) Vestuário e seus acessórios, exceto de malha</b>	0,000	0,001	1,648	0,000	1,739	0,128	7,084	0,024	1,197
<b>(63) Outros artefatos têxteis confeccionados</b>	0,000	0,008	0,343	0,000	6,239	0,040	0,000	0,004	4,822
<b>Total (97)</b>	<b>0,066</b>	<b>3,788</b>	<b>18,156</b>	<b>0,537</b>	<b>55,962</b>	<b>8,078</b>	<b>7,119</b>	<b>8,122</b>	<b>31,134</b>

FONTE: Sistema de Estatística de Comércio Exterior (SECEX)

<sup>7</sup> A partir de 1997 a nomenclatura passou a ser a (NCM) Nomenclatura comum do Mercosul, a qual assumiremos nessa seção.

No ano de 1998, observamos segundo a tabela 8, abaixo, que o Estado da Paraíba, novamente, vem em primeiro lugar, como o estado cuja participação das exportações do setor têxtil nas exportações do estado é igual a 51,59% dando-se maior ênfase ao grupo de produtos **(56) Fios especiais; cordéis; cordas e cabos** com participação de 26,99% das exportações paraibanas. Em segundo lugar vem o Estado de Sergipe cuja participação das exportações do setor têxtil nas exportações do estado é igual a 30,44% dando-se maior ênfase ao grupo de produtos **(52) Algodão, tecidos e fibras de algodão** cuja participação foi de 19,09% das exportações sergipanas, e em terceiro lugar vem o Estado do Rio Grande do Norte cuja participação das exportações do setor têxtil nas exportações do estado é igual a 11,22% dando-se maior ênfase ao grupo de produtos **(57) Tapetes e outros revest. para pavimentos** cuja participação foi de 4,95% das exportações rio grandense, mas com participação do grupo de produtos **(52) Algodão, tecidos e fibras de algodão** bem significativa e igual a 4,56% das exportações do estado.

**Tabela 8**  
**Participação dos Grupos de Produtos do Setor**  
**Têxtil por Estado do Nordeste (1998)**

	AL	BA	CE	MA	PA	PE	PI	RN	SE
<b>(51) Lã, pelos e crinas</b>	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
<b>(52) Algodão, tecidos e fibras de algodão</b>	0,000	0,000	4,160	0,125	0,251	0,475	0,000	4,564	19,094
<b>(53) Outras fibras têxteis vegetais, etc</b>	0,000	0,851	0,000	0,000	0,435	0,249	0,000	0,000	0,000
<b>(54) Filamentos sintéticos ou artificiais, etc</b>	0,000	0,455	0,017	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
<b>(55) Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas</b>	0,041	0,021	0,170	0,000	0,066	0,171	0,066	0,021	1,322
<b>(56) Fios especiais; cordéis; cordas e cabos</b>	0,000	2,283	0,679	0,000	26,997	0,027	0,000	1,525	0,000
<b>(57) Tapetes e outros revest. P/ pavimentos</b>	0,000	0,218	0,000	0,000	7,621	0,000	0,000	4,956	0,000
<b>(58) Tecidos especiais; rendas; e tapeçaria</b>	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,271	0,000	0,000	0,000
<b>(60) Tecidos de malha</b>	0,000	0,000	0,702	0,000	0,000	0,033	0,000	0,000	0,000
<b>(61) Vestuário e seus acessórios, de malha</b>	0,000	0,001	0,631	0,000	0,008	1,849	0,000	0,000	0,020
<b>(62) Vestuário e seus acessórios, exceto de malha</b>	0,000	0,000	0,593	0,000	11,986	0,166	9,005	0,006	0,000
<b>(63) Outros artefatos têxteis confeccionados</b>	0,000	0,012	0,403	0,002	4,228	0,033	0,000	0,152	10,004
<b>Total (98)</b>	<b>0,041</b>	<b>3,841</b>	<b>7,355</b>	<b>0,127</b>	<b>51,592</b>	<b>3,274</b>	<b>9,071</b>	<b>11,224</b>	<b>30,440</b>

FONTE: Sistema de Estatística de Comércio Exterior (SECEX)

## 5 – NOTAS CONCLUSIVAS

O Brasil adotou uma política de abertura econômica muito rápida, num período de estagnação econômica em que as indústrias não estavam investindo em modernização. Os países asiáticos vinham operando em um ambiente completamente oposto, com suas economias crescendo a um ritmo intenso e uma política de fomento bastante agressiva em favor do setor.

Essa mudança no ambiente econômico repercutiu nas estratégias adotadas pelas empresas de diversos setores, notadamente, no têxtil, que mais sofreu as consequências da abertura e do processo de globalização.

De outro lado, tornou-se evidente a necessidade de se adotar internamente uma política industrial e de comércio exterior que realmente promova a competitividade da indústria nacional. Não menos importante é a rápida adoção de medidas para a redução do "Custo Brasil", racionalizando a carga tributária e desonerando o sistema de transporte através de investimentos em infra-estrutura.

Há que se investir também na qualificação dos recursos humanos, uma vez que o setor têxtil apresenta um desempenho sofrível. Nesse sentido, uma ação empresarial importante poderia ser o treinamento *on the job* aliado ao financiamento dos estudos dos empregados da empresa, conforme prática já bastante difundida entre algumas indústrias que utilizam intensivamente equipamentos com dispositivos microeletrônicos, com capacidade de armazenar dados ou programas.

No tocante à organização industrial, o setor têxtil têm apresentado uma forte tendência à reconcentração, principalmente diante do movimento de abertura econômica, que provocou um forte crescimento das importações nos últimos seis anos. Acostumadas a operarem em ambiente protegido, muitas indústrias atuavam de forma ineficiente, apresentando baixos níveis de produtividade em comparação com a média dos principais países produtores.

Ao que tudo indica, o movimento de ajuste deverá continuar, o que provavelmente levará a uma redução significativa do número de empresas no setor nos próximos anos, muitas das quais com razoáveis níveis de lucratividade, na década de 80, em virtude do protecionismo e do ambiente inflacionário em que atuavam. Adicionalmente, o elevado capital empresarial requerido para a implantação desse tipo de atividade, principalmente na parte relativa a fiação, tem se tornado uma forte barreira à entrada de novos concorrentes.

Apresentamos, assim, neste trabalho, alguns resultados do desempenho do grupo de produtos do setor têxtil exportador nordestino como consequência de um ajuste da Região às novas condições impostas pelo processo de abertura. O fato de não possuímos dados sobre o comércio inter-regional, impede-nos de retirar conclusões mais apuradas acerca da competitividade da Região, por isso, nos limitamos a um exame da competitividade revelada pelo desempenho dos setores no comércio internacional. Acreditamos ser possível uma análise bem mais apurada com o auxílio de outros indicadores - representados inclusive através das óticas de eficiência e capacitação como o exposto no capítulo 2 - mas que foge aos limites por nós impostos neste trabalho.

Com o objetivo de se tratar posteriormente com as condições sistêmicas da competitividade do Setor Têxtil na Região Nordeste, apresenta-se aqui, um conjunto de conclusões iniciais, acerca dos setores identificados por um critério ou outro e localizados nos seguintes “*grandes grupos*” por Estado onde dentre eles se encontra o Setor Têxtil. As exportações do setor têxtil, em 1996, participa com 5,5% ao ano (ver Tabela 9, anexa), com participação em quase todos os estados do nordeste, ausente apenas no Estado de Alagoas, o que irá mudar nos anos de 1997 quando o setor **(55) Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuos** participa com 0,066% das exportações alagoanas e em 1998, também o setor **(55) Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuos** participa com 0,041% das exportações do Estado de Alagoas. Além disso também podemos constatar que em 1997 os três Estados, que o setor têxtil teve grande participação em suas exportações, foram: Paraíba (55,96%), Sergipe (31,14%) e Ceará (18,15%).e em 1998 temos: Paraíba (51,59%), Sergipe (30,44%) e

R. G. do Norte (11,22%), vindo o Estado do Ceará em quinto lugar com participação de (7,34%), logo atrás do Estado do Piauí (9,07%).

Dando ênfase ao nosso Estado temos que o polo têxtil e de confecções de Fortaleza, por sua vez, desponta como um dos importantes centros do setor, tanto em âmbito regional como nacional. Entre 1970 e 1985, o número de estabelecimentos têxteis do Ceará cresceu de 155 para 358, enquanto os ligados ao vestuário passavam de 152 para 850. Em 1991, segundo o Sindicato da Indústria de Confecções do Ceará, o polo cearense reunia cerca de três mil empresas, gerava 60 mil empregos diretos e era responsável por 12% do ICMS do Ceará.

O parque têxtil e de confecções de Fortaleza é competitivo nacionalmente, em virtude de uma atualização tecnológica. A abertura comercial pode ter implicações negativas sobre a tecelagem e as confecções, dado que nesses segmentos existe uma defasagem tecnológica a ser superada.

O encadeamento do polo cearense com a base agrícola da região é reduzido, devido à drástica redução na produção de algodão no Nordeste. Contudo, nos efeitos “para frente” conta-se com a perspectiva da instalação de pequenas e médias malharias que se beneficiariam das fiações já existente, o que já vem sendo estimulado por empresários ligados ao setor. No que se refere ao segmento das confecções, há espaços para um reforço do setor de tecelagem (60% dos tecidos são adquiridos fora do Estado), bem como para o crescimento de unidades fornecedoras de aviamentos e linhas (cerca de 80% destes são comprados fora).

O que se vê, é que a abertura comercial veio a estimular o parque industrial têxtil de Fortaleza, as pequenas, médias e grandes empresas que não se modernizarem irão a falência. A empresa de produção têxtil, ou seja; a de confecções perde competitividade enquanto a indústria de fiação, que são altamente automatizadas, ganham competitividade até no mercado mundial.

## 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIT/SINDITÊXTIL. Revista Têxtil. Diversos números.
- BANCO DO NORDESTE “Competitividade da indústria têxtil no Nordeste” – Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE. Fortaleza, 1997.
- BNDES (1992): “Indicadores de Competitividade Internacional da Indústria Brasileira (1970/90)”. Rio de Janeiro, PNDU/BNDES.
- SUDENE, BOLETIM CONJUNTURAL. Nordeste do Brasil. Recife, SUDENE, 1997.
- SUDENE, “Avaliação Da Competitividade Sistêmica Da Indústria Nordestina”, Relatório Preliminar, Recife, 1999.
- CNI (1998) “Competitividade Industrial: uma estratégia para o Brasil”. Rio de Janeiro, s.l.
- COUTINHO, L e FERRAZ, J. C. (coord) (1994): “Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira”. Campinas-SP: Papirus; Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- DINIZ, C. Campolina (1993): “Competitividade Industrial e Desenvolvimento Regional do Brasil”. Campinas, IE/INICAMP, Nota Técnica sobre Desenvolvimento Regional.
- HAGUENAUER, L. A indústria têxtil. Campinas, 1990. (mimeogr.).
- MELO, M. Cristina (organ.) (1992): “Modernização Tecnológica e Competitividade Industrial”. Fortaleza: UFC/CAEN.
- REVISTA ECONÔMICA DO NORDESTE (REN), N<sup>o</sup> 17, 1997.
- ROSA, A. Lisboa T da, MELO, M. Cristina e Fontenele, Ana Maria: “Competitividade da indústria têxtil Nordestina: Uma Análise Sistêmica”.
- SOUZA, Nali de Jesus de (1997) “Desenvolvimento Econômico” 4<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Atlas.
- SUDENE, 1999. “Competitividade da Indústria Nordestina: Uma Análise Sistêmica”. Relatório preliminar
- SETOR têxtil entre as prioridades do País. Têxtilia: Têxteis Inteamericanos, SP, n.23, mar./abr./mai,1997.

**ANEXO: TABELAS 1 A 17**

**Tabela 1**  
**Exportações Brasileiras – 1980-1996 (em US\$ mil)**

	TOTAL	PRODUTOS	PRODUTOS	PROD. IND.	PROD.IND.	OPERAÇÕES
	(1)=(2+3+6)	BÁSICOS (2)	IND.(3)=(4+5)	SEMI-MAN.(4)	MANUFAT.(5)	ESPEC.(6)
1980	20.132.401	8.487.729	11.376.287	2.348.719	9.027.568	268.385
1981	23.293.035	8.919.640	13.999.579	2.115.778	11.883.801	373.816
1982	20.175.071	8.237.768	11.686.087	1.433.177	10.252.860	251.266
1983	21.889.314	8.534.840	13.057.689	1.781.973	11.275.716	306.785
1984	27.005.336	8.706.205	18.003.996	2.872.492	15.131.504	295.135
1985	25.639.011	8.537.929	16.821.268	2.758.487	14.062.781	279.814
1986	22.348.603	7.280.231	14.895.163	2.491.508	12.403.655	173.209
1987	26.223.925	8.021.528	18.014.348	3.175.011	14.839.337	188.049
1988	33.789.365	9.411.042	24.079.416	4.891.746	19.187.670	298.907
1989	34.382.620	9.548.482	24.529.466	5.806.583	18.722.883	304.672
1990	31.413.756	8.746.580	22.288.060	5.107.742	17.180.318	379.116
1991	31.620.459	8.732.726	22.545.743	5.361.609	17.184.134	341.990
1992	35.792.986	8.834.571	26.670.570	5.165.881	21.504.689	287.845
1993	38.554.769	9.365.538	28.882.100	5.445.211	23.436.889	307.131
1994	43.545.162	11.058.554	32.056.976	6.893.228	25.163.748	429.632
1995	46.506.282	10.968.643	34.917.530	9.146.678	25.770.852	620.109
1996	47.746.728	12.183.988	34.740.537	8.352.892	26.387.645	822.203

Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997.

**Tabela 2**  
**Importações Brasileiras – 1980-1996 (em US\$ mil)**

	TOTAL	PRODUTOS	PRODUTOS	PROD. IND.	PROD.IND.	OPERAÇÕES
	(1)=(2+3+6)	BÁSICOS (2)	IND.(3)=(4+5)	SEMI-MAN.(4)	MANUFAT.(5)	ESPEC.(6)
1980	22.955.169	11.576.763	11.326.982	3.907.079	7.419.903	51.424
1981	22.090.580	12.679.413	9.380.483	2.747.550	6.632.933	30.683
1982	19.394.998	11.591.225	7.778.077	2.270.523	5.507.554	25.695
1983	15.428.925	9.679.448	5.730.853	1.670.260	4.060.593	18.624
1984	13.915.821	8.522.200	5.373.918	1.907.887	3.466.031	19.703
1985	13.153.491	7.199.658	5.921.664	1.902.273	4.019.391	32.169
1986	14.044.304	4.925.275	9.036.793	2.809.972	6.226.821	82.236
1987	15.051.864	5.612.896	9.373.323	2.926.580	6.446.743	65.644
1988	14.605.254	4.863.647	9.694.890	3.040.669	6.654.221	46.717
1989	18.263.533	5.428.089	12.744.347	4.343.477	8.400.970	90.997
1990	20.661.362	6.501.667	14.099.888	3.982.988	10.116.900	59.806
1991	21.041.459	6.041.239	14.953.772	4.304.432	10.649.340	46.448
1992	20.554.091	5.509.317	15.001.250	4.233.572	10.767.678	43.524
1993	25.651.608	4.762.858	20.785.154	5.506.145	15.279.009	103.596
1994	34.370.190	6.233.852	28.071.972	6.972.951	21.099.021	64.366
1995	49.663.460	6.753.093	42.592.921	9.431.267	33.161.654	317.446
1996	53.286.251	7.916.682	44.934.007	10.060.964	34.873.043	435.561

Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997.

**Tabela 3**  
**Exportações Nordestinas – 1980-1996 (em US\$ mil)**

	<b>TOTAL</b>	<b>PRODUTOS</b>	<b>PRODUTOS</b>	<b>PROD. IND.</b>	<b>PROD.IND.</b>	<b>OPERAÇÕES</b>
	<b>(1)=(2+3+6)</b>	<b>BÁSICOS (2)</b>	<b>IND.(3)=(4+5)</b>	<b>SEMI-MAN.(4)</b>	<b>MANUFAT.(5)</b>	<b>ESPEC.(6)</b>
1980	2.319.538	1.256.960	1.046.015	495.912	550.103	16.563
1981	2.693.957	1.282.086	1.398.585	440.461	958.124	13.286
1982	1.978.880	873.570	1.094.276	275.165	819.111	11.034
1983	2.369.885	842.392	1.513.040	330.669	118.2371	14.453
1984	2.717.600	809.553	1.885.802	476.613	1.409.189	22.245
1985	2.525.630	825.528	1.676.641	516.027	1.160.614	23.561
1986	2.022.712	690.067	1.320.678	524.347	796.331	11.967
1987	2.286.112	745.115	1.524.988	551.086	973.902	16.009
1988	2.921.281	723.095	2.186.317	867.608	1.318.709	11.869
1989	2.879.063	601.872	2.266.048	841.933	1.424.115	11.143
1990	3.030.397	748.291	2.273.942	913.604	1.360.338	8.164
1991	2.859.771	629.416	2.221.462	939.904	1.281.558	8.893
1992	3.035.047	620.803	2.406.790	936.900	1.469.890	7.454
1993	3.012.647	656.831	2.344.750	100.1472	1.343.278	11.066
1994	3.502.854	714.075	2.729.950	117.6415	1.553.535	58.829
1995	4.239.999	890.883	3.325.584	1.500.129	1.825.455	23.532
1996	3.854.866	816.606	3.006.104	1.312.363	1.693.741	32.155

Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997.

**Tabela 4**  
**Importações Nordestinas – 1980-1996 (em US\$ mil)**

	<b>TOTAL</b>	<b>PRODUTOS</b>	<b>PRODUTOS</b>	<b>PROD. IND.</b>	<b>PROD.IND.</b>	<b>OPERAÇÕES</b>
	<b>(1)=(2+3+6)</b>	<b>BÁSICOS (2)</b>	<b>IND.(3)=(4+5)</b>	<b>SEMI-MAN.(4)</b>	<b>MANUFAT.(5)</b>	<b>ESPEC.(6)</b>
1980	1.381.280	602.509	777.629	209.937	567.692	1.141
1981	1.063.841	482.139	580.361	122.254	458.107	1.340
1982	990.858	355.727	631.619	160.360	471.259	3.512
1983	787.117	374.550	405.775	108.537	297.238	6.792
1984	701.905	336.470	358.811	140.575	218.236	6.624
1985	770.147	342.537	417.712	146.664	270.948	9.998
1986	925.530	370.745	559.122	200.701	358.421	25.662
1987	946.212	336.747	599.000	171.091	427.909	10.464
1988	1.053.007	362.777	677.993	244.374	433.619	12.237
1989	1.292.332	994.604	775.319	284.215	491.104	22.410
1990	1.491.909	528.921	890.505	278.225	612.280	18.484
1991	1.577.900	514.925	105.3957	282.991	770.966	9.017
1992	1.372.718	488.535	877.418	238.929	638.489	6.765
1993	1.972.970	628.839	1.338.849	417.714	921.135	5.282
1994	2.531.508	710.872	1.777.437	543.194	1.234.243	43.199
1995	3.562.765	988.726	2.499.340	799.449	1.699.891	74.699
1996	4.147.886	1.023.128	3.070.903	927.547	2.143.356	53.655

Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997.

**Tabela 5**  
**Exportações Nordestinas/Brasileiras – 1980-1996 (em %)**

	TOTAL	PRODUTOS	PRODUTOS	PROD. IND.	PROD.IND.	OPERAÇÕES
	(1)=(2+3+6)	BÁSICOS (2)	IND.(3)=(4+5)	SEMI-MAN.(4)	MANUFAT.(5)	ESPEC.(6)
1980	11,52	14,81	9,19	21,11	6,09	6,17
1981	11,57	14,37	9,99	20,82	8,06	3,55
1982	9,81	10,60	9,36	19,20	7,99	4,39
1983	10,82	9,87	11,59	18,56	10,49	4,71
1984	10,06	9,30	10,47	16,59	9,31	7,54
1985	9,85	9,67	9,97	18,71	8,25	8,42
1986	9,05	9,48	8,87	21,05	6,42	6,91
1987	8,72	9,29	8,47	17,36	6,56	8,51
1988	8,65	7,68	9,08	17,74	6,87	3,97
1989	8,37	6,30	9,24	14,50	7,61	3,66
1990	9,65	8,56	10,20	17,89	7,92	2,15
1991	9,04	7,21	9,85	17,53	7,46	2,60
1992	8,48	7,03	9,02	18,14	6,84	2,59
1993	7,81	7,01	8,12	18,39	5,73	3,60
1994	8,04	6,46	8,52	17,07	6,17	13,69
1995	9,12	8,12	9,52	16,40	7,08	3,79
1996	8,07	6,70	8,65	15,71	6,42	3,91

Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997.

**Tabela 6**  
**Importações Nordestinas/Brasileiras – 1980-1996 (em %)**

	TOTAL	PRODUTOS	PRODUTOS	PROD. IND.	PROD.IND.	OPERAÇÕES
	(1)=(2+3+6)	BÁSICOS (2)	IND.(3)=(4+5)	SEMI-MAN.(4)	MANUFAT.(5)	ESPEC.(6)
1980	6,02	5,20	6,87	5,37	7,65	2,22
1981	4,82	3,80	6,19	4,45	6,91	4,37
1982	5,11	3,07	8,12	7,06	8,56	13,67
1983	5,10	3,87	7,08	6,50	7,32	36,47
1984	5,04	3,95	6,68	7,37	6,30	33,62
1985	5,86	4,76	7,05	7,71	6,74	31,08
1986	6,59	6,92	6,19	7,14	5,76	31,21
1987	6,29	6,00	6,39	5,85	6,64	15,94
1988	7,21	7,46	6,99	8,04	6,52	26,19
1989	7,08	9,11	6,08	6,54	7,85	24,63
1990	7,22	8,97	6,32	6,99	6,05	30,91
1991	7,50	8,52	7,05	6,57	7,24	19,41
1992	6,68	8,87	5,85	5,64	5,93	15,54
1993	7,69	13,20	6,44	7,59	6,03	5,10
1994	7,37	11,40	6,33	7,79	5,85	67,11
1995	7,17	14,64	5,87	8,48	5,13	23,53
1996	7,78	12,92	6,83	9,22	6,15	12,32

Fonte: SUDENE, Boletim Conjuntural, 1997.

**Tabela 7****Nordeste e Brasil: Participação do Saldo da Balança Comercial no Total do  
Comércio Exterior (1980-1996)**

<b>ANOS</b>	<b>BRASIL</b>	<b>NORDESTE</b>
1980	-6,55	25,35
1981	2,65	43,38
1982	1,97	33,27
1983	17,33	50,14
1984	31,99	58,95
1985	32,19	53,26
1986	22,82	37,21
1987	27,07	41,45
1988	39,64	47,01
1989	30,62	38,04
1990	20,65	34,02
1991	20,09	28,89
1992	27,04	37,71
1993	20,10	20,85
1994	11,78	16,10
1995	-3,28	8,68
1996	-5,48	-3,66
MÉDIA DO PERÍODO 1980-90	20,03	42,01
MÉDIA DO PERÍODO 1990-96	12,98	20,37
MÉDIA DO PERÍODO 1980-96	17,09	33,57

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.

**Tabela 8**  
**Exportações Brasileiras por Capítulo (NBM)**  
**Participação do Setor na Pauta De Exportação**

SETORES	91	92	93	94	95	96	Δ
(51)Têxteis sint. e artificiais, etc.	0,149%	0,171%	0,114%	0,094%	0,119%	0,098%	-34,22
(52)Têxteis metalizados	1,410%	1,032%	0,684%	0,681%	0,843%	0,580%	-58,86
(53)Lã, pêlos e crinas	0,087%	0,059%	0,058%	0,086%	0,071%	0,059%	-32,18
(54)Linho e rami	0,170%	0,197%	0,172%	0,140%	0,159%	0,185%	8,82
(55)Algodão	0,287%	0,375%	0,225%	0,158%	0,131%	0,132%	-54,00
(56)Têxteis sint. e artificiais descontínuos	0,257%	0,211%	0,181%	0,262%	0,231%	0,199%	-22,56
(57)Outras fibras têxteis vegetais, etc.	0,028%	0,036%	0,047%	0,042%	0,027%	0,036%	28,57
(58)Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias.	0,049%	0,047%	0,048%	0,060%	0,060%	0,071%	44,89
(60)Tecidos, artigos de malharia.	0,019%	0,042%	0,028%	0,023%	0,023%	0,030%	57,89
(61)Vestuário e seus acessórios de tecidos	0,526%	0,573%	0,573%	0,425%	0,352%	0,248%	-52,85
(62)Outros artigos de confecções de tecidos	0,338%	0,344%	0,427%	0,404%	0,274%	0,245%	-27,51
(63)Roupas usadas, trapos e farrapos	0,676%	0,678%	0,737%	0,568%	0,528%	0,505%	-25,29

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.

**Tabela 9**  
**Exportação da Região Nordeste por Capítulo (NBM)**  
**Participação do Setor na Pauta de Exportação**

SETORES	91	92	93	94	95	96	Δ
(51)Têxteis sint. e artificiais, etc.	0,000%	0,000%	0,000%	0,000%	0,000%	0,002%	2,00
(52)Têxteis metalizados	2,899%	1,651%	1,700%	1,896%	1,901%	2,213%	-23,66
(53)Lã, pêlos e crinas	0,679%	0,370%	0,484%	0,602%	0,500%	0,430%	-36,67
(54)Linho e rami	0,143%	0,106%	0,147%	0,236%	0,285%	0,335%	134,26
(55)Algodão	1,292%	1,548%	0,772%	0,476%	0,254%	0,260%	-79,87
(56)Têxteis sint. E artificiais descontínuos	2,365%	1,947%	1,517%	1,753%	1,634%	1,232%	-47,90
(57)Outras fibras têxteis vegetais, etc.	0,047%	0,053%	0,065%	0,071%	0,067%	0,165%	251,06
(58)Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias.	0,030%	0,013%	0,012%	0,007%	0,004%	0,006%	-80,00
(60)Tecidos, artigos de malharia.	0,017%	0,092%	0,017%	0,011%	0,021%	0,019%	11,76
(61)Vestuário e seus acessórios de tecidos	0,297%	0,713%	0,744%	0,582%	0,503%	0,387%	30,30
(62)Outros artigos de confecções de tecidos	0,239%	0,310%	0,812%	0,793%	0,240%	0,280%	17,15
(63)Roupas usadas, trapos e farrapos	0,423%	0,327%	0,525%	0,283%	0,254%	0,150%	-64,53

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.

**Tabela 10**  
**Importações Brasileiras por Capítulo (NBM)**  
**Participação do Setor na Pauta de Importação (1991-1996)**

SETORES	91	92	95	96	Δ
(51)Têxteis sint. e artificiais, etc.	0,080%	0,100%	0,075%	0,044%	-45,00
(52)Têxteis metalizados	0,970%	1,100%	1,471%	1,812%	86,80
(53)Lã, pêlos e crinas	0,260%	0,200%	0,150%	0,058%	-77,69
(54)Linho e rami	0,520%	0,500%	1,124%	0,780%	56,00
(55)Algodão	0,240%	0,200%	0,576%	0,326%	35,83
(56)Têxteis sint. e artificiais descontínuos	0,080%	0,100%	0,141%	0,176%	120,00
(57)Outras fibras têxteis vegetais, etc.	0,020%	0,000%	0,052%	0,052%	160,00
(58)Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias.	0,050%	0,100%	0,069%	0,081%	62,00
(60)Tecidos, artigos de malharia.	0,020%	0,000%	0,088%	0,104%	420,00
(61)Vestuário e seus acessórios de tecidos	0,070%	0,000%	0,188%	0,168%	140,00
(62)Outros artigos de confecções de tecidos	0,180%	0,100%	0,433%	0,390%	116,66
(63)Roupas usadas, trapos e farrapos	0,070%	0,000%	0,086%	0,093%	32,85

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.

**Tabela 11**  
**Importações da Região Nordeste por Capítulo (NBM)**  
**Participação do Setor na Pauta de Importação (1991-1996)**

SETORES	91	92	95	96	Δ
(51)Têxteis sint. e artificiais, etc.	0,000%	0,002%	0,000%	0,000%	0,00
(52)Têxteis metalizados	1,560%	1,149%	5,540%	8,380%	437,17
(53)Lã, pêlos e crinas	0,100%	0,190%	0,310%	0,170%	70,00
(54)Linho e rami	0,340%	0,191%	0,970%	0,280%	-17,64
(55)Algodão	0,240%	0,230%	1,010%	0,490%	104,16
(56)Têxteis sint. e artificiais descontínuos	0,000%	0,004%	0,040%	0,020%	20,00
(57)Outras fibras têxteis vegetais, etc.	0,010%	0,002%	0,010%	0,020%	100,00
(58)Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias.	0,040%	0,001%	0,010%	0,050%	25,00
(60)Tecidos, artigos de malharia.	0,000%	0,000%	0,040%	0,040%	40,00
(61)Vestuário e seus acessórios de tecidos	0,000%	0,002%	0,030%	0,010%	10,00
(62)Outros artigos de confecções de tecidos	0,010%	0,002%	0,100%	0,050%	400,00
(63)Roupas usadas, trapos e farrapos	0,190%	0,090%	0,030%	0,060%	-68,42

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.

**Tabela 12**  
**Exportação da Região Nordeste:**  
**Coefficiente de Especialização Relativa (CSRx)**  
**(1991-1996)**

SETORES	91	92	93	94	95	96	Δ
(51)Têxteis sint. e artificiais, etc.	0,002	0,000	0,000	0,000	0,001	0,016	700,00
(52)Têxteis metalizados	2,056	1,600	2,485	2,783	2,256	3,813	85,85
(53)Lã, pêlos e crinas	7,767	6,317	8,306	6,998	7,085	7,279	-6,28
(54)Linho e rami	0,841	0,541	0,853	1,687	1,796	1,806	114,74
(55)Algodão	4,507	4,126	3,431	3,009	1,933	1,965	-56,40
(56)Têxteis sint. e artificiais descontínuos	9,198	9,251	8,399	6,694	7,076	6,201	-32,58
(57)Outras fibras têxteis vegetais, etc.	1,700	1,476	1,375	1,704	2,447	4,576	169,17
(58)Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias.	0,623	0,279	0,260	0,113	0,064	0,078	-87,47
(60)Tecidos, artigos de malharia.	0,898	2,168	0,596	0,492	0,884	0,618	-31,18
(61)Vestuário e seus acessórios de tecidos	0,565	1,244	1,298	1,371	1,514	1,560	176,10
(62)Outros artigos de confecções de tecidos	0,707	0,902	1,899	1,965	0,877	1,143	61,66
(63)Roupas usadas, trapos e farrapos	0,626	0,482	0,712	0,499	0,482	0,297	-52,55

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.

**Tabela 13**  
**Exportação da Região Nordeste: Índice de Valor**  
**(1991-1996) (1991 = 100)**

SETORES	91	92	93	94	95	96	Δ
(51)Têxteis sint. e artificiais, etc.	100	9,00	0,00	0,00	59,17	600,23	600,23
(52)Têxteis metalizados	100	60,44	61,78	80,10	97,23	93,57	54,81
(53)Lã, pêlos e crinas	100	57,90	75,05	108,54	109,24	77,54	33,92
(54)Linho e rami	100	79,15	108,46	202,50	296,12	287,38	263,08
(55)Algodão	100	127,11	62,94	45,14	29,12	24,67	-80,59
(56)Têxteis sint. e artificiais descontínuos	100	87,40	67,57	90,82	102,46	63,86	-26,93
(57)Outras fibras têxteis vegetais, etc.	100	118,62	144,78	184,22	209,51	428,30	261,06
(58)Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias.	100	45,66	43,34	27,68	18,82	22,31	-51,13
(60)Tecidos, artigos de malharia.	100	582,44	106,21	82,72	181,81	135,78	-76,68
(61)Vestuário e seus acessórios de tecidos	100	254,53	263,49	239,92	250,63	159,74	-37,24
(62)Outros artigos de confecções de tecidos	100	138,02	358,19	407,07	148,98	143,70	4,11
(63)Roupas usadas, trapos e farrapos	100	81,98	130,76	82,01	89,14	43,51	-46,92

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.

**Tabela 14**  
**Região Nordeste: Taxa de Cobertura das Importações (TCM)**  
**Por Capítulo NBM (1991-1992) (1995-1996)**

	91	92	93	94	95	96	Δ
(51)Têxteis sint. e artificiais, etc.	0,06	-			5,70	224,34	373800,00
(52)Têxteis metalizados	1,53	1,93			0,76	0,85	-44,44
(53)Lã, pêlos e crinas	24,30	10,01			4,43	2,51	-89,67
(54)Linho e rami	1,54	1,80			2,82	5,14	233,76
(55)Algodão	5,48	3,67			1,41	1,36	-75,18
(56)Têxteis sint. e artificiais descontínuos	207,95	290,52			29,42	46,06	-77,85
(57)Outras fibras têxteis vegetais, etc.	6,75	20,87			11,09	13,89	105,77
(58)Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias.	1,00	18,23			0,79	0,14	-86,00
(60)Tecidos, artigos de malharia.	116,14	#DIV/0!			2,24	1,74	-98,50
(61)Vestuário e seus acessórios de tecidos	11,61	39,07			13,44	48,96	321,70
(62)Outros artigos de confecções de tecidos	17,75	95,63			4,76	10,14	-42,87
(63)Roupas usadas, trapos e farrapos	0,26	0,23			1,74	0,51	96,15

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.

**Tabela 15**  
**Região Nordeste: Contribuição ao Saldo da Balança Comercial (CSBC)**  
**Por Capítulo NBM (1991-1992) (1995-1996)**

SETORES	91	92	95	96	Δ
(51)Têxteis sint. e artificiais, etc.	-0,00305	-0,00167	0,00011	0,00155	-150,81
(52)Têxteis metalizados	1.22388	0,42848	-3,61489	-6,15731	-603,09
(53)Lã, pêlos e crinas	0,53121	0,15362	0,19302	0,25554	-51,89
(54)Linho e rami	-0,18084	-0,07254	-0,62491	0,05058	-72,03
(55)Algodão	0,96200	1,12480	-0,74709	-0,22703	-123,59
(56)Têxteis sint. e artificiais descontínuos	2,16002	1,65850	1,57896	1,20665	-44,13
(57)Outras fibras têxteis vegetais, etc.	0,03829	0,04324	0,05159	0,14657	282,78
(58)Tapetes e tapeçaria, veludo, pelúcias.	-0,00933	0,01025	-0,00324	-0,04262	356,80
(60)Tecidos, artigos de malharia.	0,01516	0,07835	-0,02348	-0,01955	-288,95
(61)Vestuário e seus acessórios de tecidos	0,26818	0,60685	0,47181	0,38151	42,25
(62)Outros artigos de confecções de tecidos	0,21049	0,26366	0,13709	0,23417	11,24
(63)Roupas usadas, trapos e farrapos	0,21168	0,20185	0,22196	0,09394	-55,62

Fonte: SUDENE, Relatório preliminar, 1999.